



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Projeto final em jornalismo
Professora orientadora: Nelia Rodrigues del Bianco

Papo de Criança:
Um blog sobre cidadania para o público infantil

Ana Paula da Silva Lisboa

Brasília – DF, Julho de 2013



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Projeto final em Jornalismo
Professora orientadora: Nelia Rodrigues del Bianco

Papo de Criança:

Um blog sobre cidadania para o público infantil

Ana Paula da Silva Lisboa

Memorial referente a projeto experimental apresentado ao curso de Comunicação Social da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social sob orientação da professora Nelia Rodrigues del Bianco.

Papo de Criança:
Um blog sobre cidadania para o público infantil

Ana Paula da Silva Lisboa

Brasília, 19 de Julho de 2013.

Membros da Banca Examinadora

Profa. Nelia Rodrigues del Bianco (Orientador)

Prof. Fernando Oliveira Paulino

Prof. Carlos Eduardo Machado da Costa Esch

Agradecimentos

Este é um projeto individual, mas ele não teria saído do papel sem a ajuda e o apoio de muita gente, por isso, é minha obrigação agradecer: Aos meus familiares, em particular, minha mãe Aparecida, meu pai Antonio e meu irmão Lucas, por terem me ensinado o caminho que devo andar e por terem suportado meu gênio tempestuoso e minha teimosia, durante o desenrolar deste trabalho e durante a vida toda. Ao Alexandre Curuma, meu namorado, que foi minha base e me ajudou em tudo que precisei, não apenas na faculdade, mas em tudo, com paciência e amor. À professora Nelia del Bianco que aceitou me orientar três semanas após o início do semestre e que deu preciosos conselhos de como realizar este projeto. Ao Carlos Júnior do estúdio de rádio que teve paciência e zelo ao montar comigo a “identidade musical” do programa. A todos os amigos e colegas que me incentivaram neste projeto, especialmente ao Tiago Amate que colaborou com a locução das vinhetas e ao Washington Rayk que se dispôs a fazer a ilustração para o blog. A todos os professores que me guiaram pela faculdade de jornalismo e me fizeram gostar ainda mais da área. À Ana Sá, minha ex-chefe no Correio Braziliense, que me deu a oportunidade de descobrir o universo do jornalismo para crianças no *Super!*. A todos os colegas da Rádio Nacional de Brasília, com quem descobri como trabalhar para o rádio. Aos meus gatos Below e Mingau, que foram meus fiéis companheiros nos dias e noites solitários de trabalho no computador. Por fim, agradeço a todas as 29 crianças que participaram deste projeto e o fizeram ser o que é.

Resumo

Este trabalho de conclusão de curso é guiado pela percepção de que o jornalismo e a comunicação informativa para o público infantil não recebem o valor desejável dos grandes meios de comunicação, bem como as crianças não recebem a atenção que merecem da família, da escola, da comunidade e da mídia. Para mudar este contexto, novas práticas e experimentos têm validade. Este memorial conta o processo de planejamento e de produção do *Papo de Criança*, um novo blog sobre cidadania para o público infantil, cujo principal conteúdo é um programa em áudio. O programa gira em torno do bate-papo entre crianças sobre temas relacionados à cidadania e conta também com a participação de um especialista na área de cada programa produzido. Os objetivos são descobrir uma nova maneira de produzir conteúdos para crianças, bem como aprofundar os conhecimentos existentes sobre o público-alvo infantil e averiguar como as crianças se comportam com relação à mídia.

Palavras-chave: Jornalismo, Segmentação, Infância, Cidadania, Internet

Abstract

This work is guided by the perception that journalism and informative communication aimed at children doesn't receive the desirable value from media, as well as children don't receive the attention they deserve from family, from school, from community, and from the media. To change this framework, new practices and experiments are valid. This memorial regards to the process of planning and producing "Papo de Criança" (which can be translated into "Child Chat"), a new blog about citizenship for children, whose main content is an audio program. The program is based on the conversation between groups of children about topics related to citizenship, and also involves the participation of a specialist in the field of each program. The objectives are to discover a new way to produce contents for children, as well as to deepen the existing knowledge about the target audience, and find out how children behave toward the media.

Keywords: Journalism, Targeting, Childhood, Citizenship, Internet

Sumário

Resumo	5
1. Introdução	7
1.1. Justificativa.....	10
1.2. Objetivos.....	11
1.2.1. Geral	11
1.2.2. Específicos	11
2. Referencial teórico	12
2.1 Criança	12
2.2 Expressão infantil.....	13
2.3 Mensagens destinadas às crianças.....	14
2.4 Jornalismo para o público infantil.....	16
2.5 Cidadania.....	17
2.6 Participação e protagonismo infantil.....	20
3. Metodologia	22
3.1 O produto.....	22
3.2 Ideias iniciais.....	22
3.3 Entrevistas para conhecer o público alvo	24
3.3.1 Escolha das escolas	25
3.3.2 Alunos	25
3.3.3 Diretores	27
3.4 Projeto editorial	28
3.4.1 Temas	30
3.4.2 Nome e slogan.....	31
3.4.3 O programa de rádio.....	32
3.4.4 O blog.....	34
3.4.5 A página no <i>Facebook</i>	36
3.5 Teste	36
4. Resultados e perspectivas	39
5. Conclusão	40
6. Referências bibliográficas	42
7. Anexos	45
7.1 Aparência do blog	45
7.2 Partes do blog.....	46
7.3 Postagens do blog.....	52
7.4 Roteiros dos programas	62
7.5 Entrevistas para conhecer o perfil das crianças.....	73
7.6 Teste de acesso ao blog	89

1. Introdução

Este é o memorial de pesquisa elaborado para desenvolver o projeto *Papo de Criança*, constituído de um blog e de um conjunto de programas de rádio voltados para o público infantil. O blog serve de suporte para os programas e também funciona como canal de interação e informação para crianças. Os programas combinam informação e educação para cidadania, com uso da linguagem jornalística. O *Papo de Criança*, porém, não é um produto jornalístico tradicional: seu papel não é o mesmo de um suplemento infantil de jornal impresso ou de uma revista. É um produto de comunicação híbrido, que se apoia no jornalismo para levar informação e entretenimento.

Em todos os seus conteúdos, o blog pretende incentivar o protagonismo infantil, com a finalidade de ajudar as crianças a se desenvolverem como cidadãos completos e atores sociais aptos a participar de todos os âmbitos da vida em sociedade. Uma atenção especial é dada ao direito de voz das crianças, pois para participar e ter um comportamento de protagonista, é imprescindível que a criança seja escutada. E, mais do que ser escutada, o que a criança fala precisa ser valorizado e ser levado em conta nas decisões sociais, na escola, no governo e em outras instâncias.

Além de reconhecer a criança como cidadão e ator social, o *Papo de Criança* quer deixar a criança ciente de seus direitos e de sua importância, ao fornecer informações para que ela participe ativamente da vida em sociedade e tenha iniciativa para mudar as situações insatisfatórias ou injustas pelas quais passa – não apenas na família e na escola, mas também na comunidade de que faz parte.

Tudo isso com uma linguagem acessível e cativante que desperte no leitor/ouvinte o interesse por conteúdos jornalísticos e pelos acontecimentos da sociedade. Para cumprir sua missão, o *Papo de Criança* se lança como um canal interativo que leva conteúdos importantes para o desenvolvimento da criança-cidadã, mesclando informação e entretenimento, sem esquecer os princípios éticos do jornalismo, que, neste caso, deve ser praticado com ainda mais cuidado, por se destinar ao público infantil.

Este trabalho se baseia na classificação etária de criança e adolescente do *Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)*: “Considera-se criança (...) a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade” (ECA, 1990). Portanto, o produto aqui produzido necessariamente deve se destinar a indivíduos de até 13

anos, o que não impede que adolescentes também gostem e usufruam do conteúdo produzido.

O jornalismo e outros gêneros da comunicação para público infantil são, frequentemente, considerados áreas menos importantes que as outras pelas empresas de comunicação e pela sociedade. O problema não está na falta de conteúdo jornalístico voltado para as crianças, afinal, é possível encontrar uma lista razoavelmente extensa de suplementos de jornais impressos, revistas, sites, programas de rádio e televisão que se dedicaram ou se dedicam a levar notícias e informações para as crianças. O problema está na adequação destes produtos ao público alvo que escolheram. Essa adequação recai em linguagem, conteúdos, ilustrações, imagens, sons, modo de interação com o público, dentre outros aspectos.

Em muitos casos, os produtos de comunicação informativos destinados ao público infantil se baseiam em sensações de que o que foi publicado/veiculado seja de fato adequado às crianças. Essas sensações, porém, não costumam ser fundamentadas no que há de mais essencial para os veículos: as próprias crianças. São raros os mecanismos de interação, mais escassos ainda os dispositivos de medição da satisfação – como se crianças não precisassem ser consultadas – e ainda mais limitadas as pesquisas para conhecer o perfil e os interesses do público alvo.

Este problema é fruto do tratamento do jornalismo para público infantil como uma área “menor”, a qual é subestimada pela mídia. Em parte, porque essa parcela da população não é muito valorizada. O sociólogo brasileiro José de Souza Martins fala que as crianças estão incluídas num grupo que costuma ser excluído de consultas e pesquisas, até mesmo das científicas:

“O pesquisador quase sempre pressupõe e descarta, no grupo que estuda, uma parcela de seres humanos silenciosos, os que não falam. De nada adiantaria conversar com eles! São os que em público e diante do estranho permanecem em silêncio: as mulheres, as crianças, os velhos, os agregados da casa, os dependentes, os que vivem de favor. Ou os mudos da história, os que não deixam textos escritos, documentos” (Martins, 2002, p. 78).

Não que as crianças não falem ou não sejam ouvidas, mas a atenção dada às manifestações de pensamento e opinião dos que vivem a infância é irrisória. Até mesmo pais, professores e outras pessoas do cotidiano próximo da menina ou do menino não escutam como deveriam. As vontades e a livre fruição de pensamentos, falas, sonhos e

medos são, por vezes, reprimidos. Estas afirmações são baseadas em relatos de crianças entrevistadas por mim no decorrer do processo para elaborar o *Papo de Criança*.

A mídia, mesmo a que se dedica a esse público, não costuma agir de modo diferente. Um dos prováveis motivos é o fato de que as crianças não possuem poder de compra direto e não são independentes. O que pode justificar o foco dado aos pais (os que pagam) pelos meios de comunicação, os quais, em geral, produzem conteúdos que os adultos considerem adequados para o público infantil.

A mídia não está muito interessada no segmento infantil e as faculdades de jornalismo seguem a mesma postura. Existe uma carência por parte dos profissionais para lidar com produções jornalísticas segmentadas. A grade curricular das faculdades de jornalismo não oferece preparo ou treinamento para escrever para o público infanto-juvenil. O foco das formações tende a ser o jornalismo “sério” e factual, deixando de lado uma porção da população que é tão importante quanto o restante.

Quando repórteres e estagiários de jornalismo se deparam com o desafio de escrever para crianças acabam se baseando no “instinto”, no que talvez agrade, no que pode ser que dê certo, em vez de conhecer a fundo o público para o qual se destinam. As dificuldades se estendem desde a apuração, passando pela produção, até à edição, pois não há indicativos de como se orientar nesses casos. Em muitos suplementos de jornais impressos, quem escreve as matérias são estagiários – como se textos para crianças não merecessem a dedicação de um profissional formado.

É possível notar que muitas crianças sentem aversão a reportagens e a jornais, até mesmo nas seções destinadas ao público infantil. A falta de adequação pode transformar algo que poderia contribuir para a aquisição de conhecimento, para o enriquecimento cultural e para o desenvolvimento de gosto pela leitura e por jornalismo num conteúdo enfadonho e não atrativo.

Quando bem sucedido, os produtos de comunicação desenvolvidos para crianças podem se tornar um rico instrumento de auxílio para professores em sala de aula e pais na instrução de seus filhos, mas é importante observar que estes conteúdos têm de agradar primeiro às crianças, em vez de pais e educadores. É fundamental que a mídia se dedique às crianças para formar e cativar futuros leitores/ouvintes/telespectadores. Os meios de comunicação social têm potencial para se tornar parte fundamental no processo de educação e crescimento de meninos e meninas.

O jornalismo dito factual não abre espaço para crianças e são muito raras as entrevistas com esta parcela da população. O jornalismo destinado ao público infantil é praticamente o único espaço de expressão das crianças no meio jornalístico. Por isso, merece ser mais bem desenvolvido, planejado, pesquisado e experimentado. O *Papo de Criança* se propõe a ser mais uma experiência neste sentido.

1.1. Justificativa

O interesse neste tema surgiu da minha própria carência para trabalhar na área. Dificuldade que enfrentei no suplemento infantil do *Correio Braziliense*, o *Super!*, do qual fui estagiária e redatora por seis meses. Com a pesquisa, desejo aprender e estar apta para escrever para esse público. Existe um interesse pessoal, pois gosto de crianças, de conversar com elas e, especialmente, de ver o quanto elas são mais inteligentes, espertas e capazes do que muitos julgam.

Os conteúdos jornalísticos voltados para o público infantil têm capacidade de estimular à leitura crítica da realidade e desenvolver o exercício da cidadania desde a infância. Apesar deste potencial, o jornalismo para público infantil, em geral, se volta apenas para a diversão, deixando de lado sua capacidade de ser também educativo. O lado lúdico não é um problema, a recreação e o lazer também são essenciais para as crianças, mas é válido que os conteúdos feitos para meninas e meninos não se foquem apenas nisso. O jornalismo para público infantil precisa explorar mais sua capacidade de auxiliar a formação de crianças, de modo construtivo. Por isso, esta área ainda carece de experimentos e pesquisas que ajudem a nortear o futuro deste ramo jornalístico.

A relevância do tema é embasada na *Convenção sobre os Direitos da Criança da Organização das Nações Unidas* (1989), cujos artigos 17 e 29 indicam que a mídia deve difundir conteúdos de interesse social para as crianças a fim de incentivar o desenvolvimento da personalidade e de aptidões físicas e mentais; a fim de cultivar o respeito aos direitos humanos, às liberdades fundamentais, aos seus pais, à sua identidade cultural, ao seu idioma, aos valores do país em que reside, bem como o respeito ao meio ambiente; e, também, a fim de preparar a criança para viver de modo responsável numa sociedade livre com igualdade de sexos e com compreensão e tolerância em relação a todos os grupos (éticos e religiosos).

Para que esses preceitos da *Convenção sobre os Direitos da Criança* sejam cumpridos, é fundamental que as crianças sejam vistas, ensinadas, tratadas, informadas e

valorizadas como cidadãos e agentes sociais, tão importantes quanto quaisquer outros indivíduos. A mídia pode ser uma grande ferramenta para a difusão de valores de cidadania, como se propõe a fazer o *Papo de Criança*.

O jornalismo e a comunicação para público infantil, como mencionado, não recebem a atenção que merecem. Apesar de outros trabalhos terem explorado o assunto, é um tema relevante que deve ser mais pesquisado. Seria mais do que atingir o objetivo deste trabalho se os resultados encontrados puderem ser, de algum modo, aproveitados para melhorar a qualidade dos conteúdos midiáticos feitos o para público infantil brasileiro e aprofundar o conhecimento dos veículos quanto ao público mirim.

1.2. Objetivos

1.2.1. Geral

O principal objetivo deste projeto é a produção do *Papo de Criança*, um blog feito para crianças, com conteúdos que integrem a criança a todos os campos da sociedade como um cidadão. O produto deve ser informativo e, ao mesmo tempo, uma forma de entretenimento. O blog deve conter vários tipos de conteúdos, como reportagens e contribuições dos leitores. A principal área do blog é o programa em áudio que leva o mesmo nome, em que crianças debatem sobre um tema relacionado à cidadania e, posteriormente, recebem dicas de um especialista na área.

1.2.2. Específicos

Por meio da experimentação, pretende-se sugerir uma nova forma de fazer jornalismo para o público infantil, baseada nos interesses deste público e no potencial formativo do jornalismo. Entre os objetivos também está a investigação sobre o que se adéqua ao público mirim, em aspectos como linguagem, conteúdo e disposição (gráfica, sonora, audiovisual). Por fim, destaca-se a vontade de que iniciativas de profissionais de comunicação, como o *Papo de Criança*, auxiliem todas as crianças a exercerem uma cidadania plena.

2. Referencial teórico

2.1 Criança

O conceito de infância é marcadamente a noção de que o ser humano se desenvolve ao longo de diversas fases da vida, cada uma com características ou particularidades próprias. “Particularidades levadas em consideração quando da produção de materiais destinados a essas fases, incluindo aí o jornalismo” (Varão e Bemfica, 2009, p.2). É importante notar que o conceito de infância é muito mais subjetivo e social do que biológico, pois a ideia que se tem da infância muda ao longo do tempo e varia de sociedade para sociedade.

Nem sempre existiu um conceito de infância e as crianças já foram vistas como simples adultos em miniatura, sem distinções das condutas e tratamentos destinados a elas. Era uma crença popular de que “a criança fosse um simples homúnculo, cujas diferenças do adulto se limitassem a tamanho e se reduzissem a aspectos quantitativos” (Carvalho, 1989, p. 18).

As crianças eram criadas e preparadas para o mundo dos adultos desde o nascimento. “Em meio ao mundo adulto, o universo infantil não tinha espaço: as crianças eram obrigadas a se adaptar ou perecer” (Priore, 2007, p. 48). Apesar de meninos e meninas serem considerados adultos em miniatura, só passavam a ser realmente vistos como indivíduos quando aprendiam a falar e quando – após torturas e castigos – passavam a realizar atividades que os adultos também desenvolviam.

Com o passar dos séculos e o desenvolvimento da psicologia, formou-se a ideia de que existem diferentes fases de desenvolvimento do ser humano. A escola teve um papel essencial para a construção da infância:

“A escola substituiu a aprendizagem como meio de educação. Isso quer dizer que a criança deixou de ser misturada aos adultos e de aprender a vida diretamente, mediante o contato com eles. A despeito das muitas reticências e retardamentos, a criança foi separada dos adultos e mantida à distância numa espécie de quarentena, antes de ser solta no mundo. Essa quarentena foi a escola, o colégio” (MEC, 1991, p. 28 apud Phillipe Ariès, 1981).

Até o século XVII, a criança era considerada um ser primitivo, pouco dotado de racionalidade. A partir da “descoberta” da infância a atenção dada a este segmento se

diferenciou: “A criança passa a ser considerada, tanto pela perenização da linhagem quanto pelo reconhecimento de uma certa especialidade dessa etapa da vida. Por tudo isso, ela inspira carinho e cuidados” (Priore, 2007, p. 156). Por inspirar este zelo, Phillippe Ariès (1981) argumenta que a visão que se tem da criança mudou junto com as transformações sociais e culturais da sociedade. E a imagem que a sociedade faz da criança oscila entre um ser frágil e delicado e um adulto em miniatura.

Marisa Lajolo (2009, p. 232) cita diversas ideias que já se teve sobre a infância: “adulto em miniatura”, “ser essencialmente diferente do adulto”, “tabula rasa onde se pode inscrever qualquer coisa”, dentre outros. Tantas ideias, por vezes contraditórias, existem ainda na atualidade. A autora amplia o que se sabe sobre estas crenças sobre a infância:

“Se o conjunto de idéias e crenças sobre a infância, quando lido em seqüência, soa como uma divertida ciranda de contradições, é admirável observar que, não obstante a contradição, todas estas crenças (conhecimentos?) subsistiram. Por quê? Talvez porque funcionaram, isto é, porque construíram, para a infância de que falavam, uma representação adequada tanto aos pressupostos da disciplina no bojo da qual tal conhecimento (crença?) foi formulado, quanto adequada às expectativas que, em face da infância, alimentava a comunidade onde se produziram e pela qual circula(va)m os saberes em causa” (Lajolo, 2009, p. 232).

2.2 Expressão infantil

A imagem da criança e o tratamento destinado a ela esteve constantemente a serviço das expectativas dos adultos, pois meninos e meninas não possuem voz ativa para se defender e definir. Ao longo dos anos, o espaço de fala infantil cresceu muito, tanto dentro do ambiente familiar, quanto na mídia, mas ainda há muito para avançar. Apesar de definida como fase da vida, a infância ainda permanece “muda” em muitos espaços sociais. Normalmente, outros falam em nome da criança, sejam os pais ou outros adultos – inclusive no jornalismo dito factual. A palavra ‘infância’ já surgiu designando um momento sem fala e expressividade:

“As palavras infante, infância e demais cognatos, em sua origem latina e nas línguas daí derivadas, recobrem em campo semântico estreitamente ligado à idéia de ausência de fala. Esta noção de infância como qualidade ou estado do infante, isto é, d’aquela que não fala, constrói-se a partir dos prefixos e radicais lingüísticos que compõem a palavra: in = prefixo que indica negação; fante = particípio presente do verbo latino fari, que significa falar, dizer. (...) Assim, por não falar, a infância não se fala e, não se falando,

“não se ocupa a primeira pessoa nos discursos que dela se ocupam” (Lajolo, 2009, p. 229).

A falta de fala da criança, designada desde que se definiu o período da infância, ainda permanece forte na atualidade, inclusive nos meios de comunicação social. Na abertura do seminário internacional *Infância e Comunicação: Direitos, Democracia e Desenvolvimento*, em 6 de março de 2013, a presidente da Agência de Notícias dos Direitos da Infância (Andi), Cenise Monte Vicente, afirmou que a criança exerce três papéis com relação à mídia: a criança é público, é consumidora e é fonte. Ela ressalva, porém, que em nenhuma destas relações a criança é de fato ouvida:

“Há um faz de conta da participação delas (as crianças) na mídia. Elas de fato não são ouvidas. Quando vamos garantir isso? As crianças quando são ouvidas trazem à tona questões que não ocupam o lugar de destaque que deveriam ocupar na mídia. E as crianças podem falar sobre elas e sobre direitos. O melhor interesse da criança respeita a democracia, os direitos, o desenvolvimento e deve ser o conciliador entre os dois direitos: o de liberdade de expressão e o de proteção da infância” (gravação própria do evento).

2.3 Mensagens destinadas às crianças

As mensagens destinadas às crianças vêm da família, dos amigos, da escola, mas também vêm de estranhos: são filmes, gibis, revistas, livros (literários e didáticos), jogos, sites e jornais.

“Os chamados ‘meios de comunicação de massa’ adquirem, momento a momento, espaço destacado no processo de interação social (da criança), notadamente por serem os principais difusores de imagens em nossos dias” (Wiggers, 2003, p. 1).

Ingrid Wiggers afirma que a mídia passou a disputar com a escola o papel de principal agente socializador. Talvez porque as atrações midiáticas pareçam mais interessantes que lições educativas: “muito mais próximo da criança que o pedagogo bem intencionado, lhe são o artista, o colecionador, o mago” (Benjamin, 1984, p.14).

Wiggers explica que, no passado, os mitos eram usados para transmitir valores e costumes de uma geração para outra, além de delimitar o relacionamento coletivo e pregar ideias para a convivência humana. A autora desenvolve o histórico dos mitos até os dias atuais, em que estes ganham novo espaço e conclui:

“A palavra oral, a escrita, o esquema, o desenho, a fotografia, o cinema, a reportagem, o esporte, os espetáculos ou ainda a publicidade podem constituir-se em matéria prima da fala mitológica” (Wiggers, 2003, p.40).

As mensagens destinadas às crianças normalmente têm conteúdo que, ora distrai e ilude, ora ensina, prega ou vende algo. De acordo com o psicólogo suíço Jean Piaget (1967, p.15), a formação da personalidade acontece por assimilação do mundo exterior (quando conteúdos são assimilados às estruturas já construídas do sujeito) e por acomodação (que é a modificação do comportamento provocado por novas experiências em que há um reajuste das estruturas já construídas em função de transformações ocorridas). De acordo com essa ideia, é possível concluir que a mídia atua como agente fundamental na formação da personalidade das crianças, pois transmite conteúdos e ideias a serem assimilados, como também, traz novas ideologias a serem “acomodadas” na mente das crianças.

Maria de Lourdes Nosella realizou uma pesquisa sobre livros didáticos, indicados pelo Ministério da Educação, para as quatro primeiras séries do ensino fundamental. A constatação geral foi de que “o mundo descrito em tais textos não correspondia ao mundo real” (Nosella, 1980, p.15). Desse modo, “textos aparentemente neutros estão totalmente impregnados de conteúdos ideológicos nos seus mínimos detalhes” (Nosella, 1980, p.15). Nosella constata que a ideologia de que existe uma classe dominante e uma classe dominada na sociedade, por exemplo, é transmitida por meio de materiais didáticos.

Na opinião da autora, isso é um problema grave já que crianças de 7 a 10 anos têm uma postura acrítica frente a mensagens ideológicas, algo perigoso para uma faixa etária de intenso desenvolvimento psicológico (em aspectos cognitivos, afetivos, individuais e sociais). Dessa forma, “a educação, ao transmitir conteúdos ideológicos através dos textos de leitura, molda a personalidade das crianças a partir desta determinada postura ideológica” (Nosella, 1980, p.16). Maria de Lourdes Nosella justifica seu argumento ao dizer que a personalidade se desenvolve através de sucessão e articulação de uma série de estruturas, que se armam a partir da interação e da comunicação entre “o eu e o mundo que o rodeia”.

O jornalismo – assim como textos literários e didáticos, o cinema, a publicidade etc. – precisa ter um cuidado enorme de não se carregar de discursos ideológicos quando se dirige à infância, fase em que o ser humano em formação está mais suscetível e ingênuo às

mensagens que recebe. Apesar de ser necessário um cuidado, a criança não precisa ser protegida de tudo. O que se percebe, porém, é que a maior parte dos conteúdos destinados ao público infantil – tanto livros, quanto suplementos jornalísticos – retratam basicamente aspectos positivos da vida ou constroem universos de fantasia para a infância, evitando assuntos importantes da realidade como política, violência, doenças, drogas e morte.

2.4 Jornalismo para o público infantil

A especialização e a segmentação fizeram das crianças mais um nicho de mercado e mais um público específico para os veículos de comunicação. O jornalismo é um caso diferenciado, pois, além de informar, deve fazer parte do aprendizado infantil e contribuir para que o público (a criança) construa pensamentos sobre a sociedade. Essa função social do jornalismo é, muitas vezes, substituída pela visão mercadológica e pela tentativa de formar indivíduos de acordo com expectativas externas:

“(As) mensagens direcionadas a elas (das crianças) são trabalhadas, muitas vezes, no sentido de formá-las para aquilo que o adulto espera delas, ou simplesmente são pensadas a partir de uma lógica do consumo e do entretenimento” (Varão & Bemfica, 2009, p.1).

Rafiza Varão e Veronica Bemfica investigam como e quando as crianças se tornaram um público importante para os meios de comunicação. As autoras atrelam o surgimento da literatura infantil (raiz do que elas chamam de jornalismo infantil) ao surgimento da noção de infância. Ambas consideram as histórias em quadrinhos – presentes em muitos jornais e revistas – como importante atrativo para crianças, pois remetiam às ilustrações dos livros infantis. A maior parte dos primeiros veículos de comunicação para crianças trazia poucos acontecimentos (jornalísticos) e muitas histórias (de faz de conta). Situação que se alterou ao longo dos anos, com inserção cada vez maior de reportagens nestes veículos.

Segundo Varão e Bemfica, os primeiros semanários destinados às crianças foram o semanário francês *Le Petit Journal Illustré de LaJenuesse* e as revistas brasileiras *O Jornal da Infância*, *O Tico-Tico* e *Sesinho*. Apesar de a primeira revista infantil brasileira ter sido *O Jornal da Infância*, de 1898, ganhou maior destaque *O Tico-Tico*, que surgiu sete anos depois, em 1905 (circulando até 1962). *O Tico-Tico* foi inspirado em revistas francesas e tratava de temas nacionais em conteúdos diversificados: poesias, contos, jogos, datas

históricas, séries do cinema, letras de músicas, peças teatrais, passatempos, histórias em quadrinhos. Foi também uma das primeiras publicações a interagir com o público:

“Foi pioneira em alcançar a interatividade na imprensa latina entre jornalistas e leitores, pois contava com a participação direta dos leitores que enviavam fotos, desenhos, poemas e textos. Possuía também edições especiais, que eram educativas, das quais participavam pais e professores” (Varão & Bemfica, 2009, p.11).

Há muitos produtos de comunicação voltados para o público infantil e todos eles – desde os primeiros produtos até os desenvolvidos atualmente – esbarram numa dificuldade: conhecer (e não apenas imaginar) o público para quem se dirigem:

“Quando um jornalista se especializa em uma área para falar com um público específico, ele pode ou fazer parte daquele grupo (por exemplo, uma mulher que escreve para uma revista feminina), ou tentar compreendê-lo de fora para se comunicar com ele. Escrever para crianças, no entanto, é uma tarefa difícil para um adulto, pois qualquer um que o fizer não fará parte do grupo para o qual está escrevendo, mas necessariamente já o fez um dia” (Furtado, 2009, p.8).

Sem conhecer de verdade o seu público, apenas tendo ideias vagas de quem ele seja, muitos veículos apelam para recursos ultrapassados (como o excesso de diminutivos nas palavras) e banem certos temas, sem levar em consideração que “o jornalismo direcionado a crianças pode falar sobre qualquer assunto, desde que se respeite o desenvolvimento cognitivo dos leitores” (Doretto, 2010, p.10). Outro desafio, decorrente também da falta de conhecimento sobre o público alvo, é a adequação: “Saber congregar temas, linguagens e formatos interessantes e adequados para crianças de idades tão diferentes (...) é a principal dificuldade do jornalismo feito para os meninos e as meninas brasileiras” (Doretto, 2011, p. 11).

2.5 Cidadania

A versão mais aceita pelos pesquisadores é a de que o conceito de cidadania tenha surgido na Grécia antiga (Cortina, 2005). O cidadão grego tomava parte nas decisões da polis, que era uma cidade-estado da antiguidade grega. Quem nascia numa cidade desenvolvia um intenso pertencimento à comunidade, o qual incentivava o membro a trabalhar pelo bem de sua comunidade. Este vínculo de pertencimento originou o conceito de cidadania da atualidade. A cidadania só ganhou maiores proporções durante o Império

Romano, pois os cidadãos romanos tinham uma cidadania mais livre de limites geográficos e de herança familiar. A cidadania, neste caso, era uma atribuição simbólica, como ocorre num Estado-Nação.

Thomas Marshall (1967, p. 76) lançou a tradicional noção de que cidadania é um “status concedido àqueles que são membros integrais de uma comunidade”. Este status inclui direitos, que Marshall divide em três tipos: civis, políticos e sociais. Em *Cidadania no Brasil: o longo caminho* (2002), José Murilo de Carvalho define estes direitos. A liberdade individual, de ir e vir, de expressão, de religião, de propriedade e de igualdade são direitos civis – aqueles que tomam como base a justiça independente, eficiente, barata e acessível a todos. Já os direitos políticos englobam a participação política, o direito ao voto, a criação e filiação a partidos políticos, a expressão de opiniões políticas, a capacidade de votar e de se eleger.

Segundo Carvalho, direitos civis podem existir na ausência de direitos políticos, mas o contrário não pode ocorrer porque é preciso ter liberdade de expressão e organização político-partidária para haver participação política, de modo que os direitos políticos sirvam para representar os cidadãos e não para justificar o governo. E, por último, como define José Murilo de Carvalho, os direitos sociais asseguram participação na riqueza coletiva, devem reduzir a desigualdade e possibilitar bem-estar e justiça, incluindo educação, salário digno, saúde, aposentadoria, lazer.

Pertencer a um estado ou a uma nação colabora para o fato de sentir-se cidadão. E em cada estado os direitos são construídos e priorizados de um modo diferente. Na Inglaterra (modelo inglês durante os séculos XVIII, XIX e XX), os direitos civis foram os primeiros a “surgir”. Foi com base nestes direitos que a população lutou pelos outros (como direito de votar e participar do governo). O modelo brasileiro foi outro: aqui os direitos sociais sempre estiveram no foco.

A Constituição Federal de 1988 é a mais liberal em terras brasileiras e trouxe alargamento dos direitos sociais (com reflexos nos índices de mortalidade infantil, analfabetismo etc.), dos direitos políticos (com amplitude jamais vista) e dos direitos civis (tratando racismo e tortura como crimes inafiançáveis e estabelecendo *habeas data*, o direito de o cidadão saber informações registradas sobre si em documentos públicos).

Segundo Carvalho (2002), atualmente, a formação de blocos econômicos acaba mudando o funcionamento dos direitos, principalmente os sociais e os políticos, já que estes blocos influenciam a situação da economia e da participação política. A rápida

transformação da economia internacional contribuiu para questionar a própria noção de direitos, pois, apesar dos avanços, a democracia política não conseguiu resolver problemas econômicos sérios e de desigualdade. Ainda hoje, pouca gente tem noção de seus direitos civis ou recorre à justiça para se defender.

Os direitos e as leis não são aplicados a todas as pessoas da mesma maneira. José Murilo de Carvalho traçou alguns perfis presentes na sociedade: Os “doutores”, que detêm riqueza e prestígio social, estão acima da lei. Os “cidadãos simples” estão sujeitos aos rigores e benefícios das leis, mas não têm noção completa dos direitos que possuem. Já os “elementos da 3ª classe” são humildes, sofrem discriminação, por parte das autoridades e do resto da sociedade, e só lhes restam os direitos penais ou o *Código Penal*.

José Murilo de Carvalho avalia que, após a ditadura (1985), o Brasil ainda está caminhando para alcançar a cidadania plena, em que todos têm direitos civis, políticos e sociais. O fim da ditadura trouxe esperanças para o povo, mas ainda permaneceram graves problemas sociais como violência urbana, desigualdade, desemprego, analfabetismo, falta de qualidade em saúde, educação e saneamento. A ausência de perspectiva existia e é possível que ainda exista porque a cidadania – e a consequente liberdade e participação – não conduzem necessariamente, segundo ele, à resolução dos problemas sociais.

O jornalismo pode e deve desempenhar ações para auxiliar o cidadão – independente da idade – a exercer a cidadania plena, ao disponibilizar as informações necessárias para que o povo influencie decisões políticas. Se o principal interesse do jornalismo é o interesse público, ele deve ajudar neste processo: “Servir ao interesse público é servir à cidadania, no sentido de possibilitar que a coisa pública, o bem comum, seja decidido e administrado segundo o interesse geral da sociedade” (Gomes, 2009, p. 82).

O jornalismo, inclusive o destinado ao público infantil, tem potencial para estreitar os laços entre a população e os governantes:

“Nesse sentido, o jornalismo pode ainda efetivamente servir à esfera civil, disponibilizando os repertórios de informação, os estoques cognitivos - ainda mais necessários em tempos de desmobilização cívica e de distanciamento crescente entre esfera civil e esfera política - de que a cidadania necessita para tomar posição nos campeonatos eleitorais” (Gomes, 2009, p. 78).

2.6 Participação e protagonismo infantil

A participação da criança como cidadã em variados âmbitos da sociedade suscita o termo “protagonismo infantil”, o qual costuma ser usado genericamente para definir a criança como ator social, que tem seus direitos reconhecidos, que pode se expressar e que tem seus pontos de vista levados em conta pela comunidade. O protagonismo também carrega a ideia da criança que contribui para o bem da sociedade e para a garantia de seus próprios direitos.

Cynthia Ozon Boghossian e Maria Cecília de Souza Minayo (2009) fizeram uma revisão dos estudos sobre participação infantil durante dez anos e citam que o protagonismo infanto-juvenil é antagônico a tendências de paternalismo, assistencialismo ou manipulação. As pesquisadoras explicam a origem do protagonismo infantil:

“A noção de protagonismo juvenil, bastante utilizada no Brasil, surge num contexto de renovação da ideia de participação e, mais fortemente, no contexto da educação formal. (...) Na década de 1990, esse termo começou a ser explicitado em documentos oficiais e sua apropriação foi ampliada para os mais variados espaços” (Boghossian & Minayo, 2009).

O termo tem clara relação com o desempenho de um papel principal: “A palavra protagonismo é formada por duas raízes gregas: proto, que significa ‘o primeiro, o principal’; agon, que significa ‘luta’. Agonistes, por sua vez, significa ‘lutador’. Protagonista quer dizer, então, lutador principal, personagem principal, ator principal” (Costa, 2004). Neste sentido, o protagonismo ocorre quando a criança executa ações nas quais é o ator principal, permitindo e aumentando sua interação com as comunidades de que faz parte, inclusive para a busca de solução de problemas.

Boghossian e Minayo (2009) citam que “o protagonismo juvenil é também apresentado como via de condução pedagógica para a ação cidadã (...) ou socialização para a cidadania (...) sendo considerado um novo modelo político-pedagógico”.

As pesquisadoras fazem uma importante distinção entre o termo “protagonismo” e outros que são, por vezes, utilizados como se fossem sinônimos: “intervenção social”, “ação solidária” e “empoderamento”. Apesar de ser considerada equivalente, a ideia de “empoderamento” é tratada pela Organização das Nações Unidas (ONU) como mecanismo de interação social, combate à pobreza e investimento em educação. O protagonismo se diferencia por:

“(...) articular dimensões fundamentais da participação juvenil numa perspectiva ampliada, além de englobar a interação entre adultos e jovens no processo de construção da autonomia. Refere-se a uma dimensão subjetiva, presente na proposta de formação do jovem para valores democráticos e solidários, de maneira articulada a uma dimensão mais objetiva, preconizada na ação individual ou coletiva sobre problemas sociais concretos” (Boghossian & Minayo, 2009).

Maria Lúcia Pinto Leal, Maria Auxiliadora César e Maria de Fátima Pinto Leal (2012, p. 17) se baseiam na *Convenção Internacional dos Direitos da Criança* da ONU, no *Plano Decenal dos Direitos Humanos de Crianças e Adolescentes* e no *Estatuto da Criança e do Adolescente* para estabelecer três elementos de destaque no exercício do protagonismo infanto-juvenil: a liberdade de expressão, o direito de ser ouvido e o direito de exercer influência (em especial na elaboração de políticas públicas).

Elas ainda defendem a participação infanto-juvenil como necessária para o exercício de outros direitos:

“(...) a participação está relacionada à cidadania, ao governo e aos direitos e se refere à tomada de decisões e tem que ser significativa e plena na discussão política. É um direito fundamental para o cumprimento dos outros direitos que são garantias para o bem-estar da pessoa e da sociedade com um todo” (Leal, César & Leal, 2012, p. 17 e 18).

A participação e o protagonismo são fundamentais para que a criança e o adolescente exerçam papel de atores sociais e cidadãos, mas a participação, infelizmente, ainda é algo que precisa ser conquistado:

“(...) participação como direito é uma relação social e os espaços marcam as relações sociais que neles se dão. Trata-se de espaços de construção da personalidade, de exercício e desenvolvimento do protagonismo. Entretanto, a participação infantil ainda se apresenta nos espaços mais como uma luta que um exercício cotidiano” (Alcedo, Reyes, Solari & Souza, 2009, p. 7).

Segundo Maria Lúcia Pinto Leal, Maria Auxiliadora César e Maria de Fátima Pinto Leal (2012, p. 15), as dificuldades para a participação e a exclusão infanto-juvenil não são culpa apenas das estruturas governamentais, há também desinteresse da população – incluindo das crianças e dos jovens – pela política tradicional e por projetos e fóruns de promoção de direitos para a sociedade como um todo e para a parcela infanto-juvenil dos cidadãos.

3. Metodologia

3.1 O produto

O produto desenvolvido durante esta pesquisa é o blog *Papo de Criança* (www.papodecrianca.com), cuja atração principal é um programa de rádio com o mesmo nome. O blog é voltado para meninos e meninas com idades entre 8 e 12 anos do Distrito Federal, especialmente os das classes sociais C, D e E. Os conteúdos produzidos têm a intenção de ajudar a criança a se formar e a se informar como cidadão desde cedo, estimulando também a leitura crítica dos acontecimentos.

3.2 Ideias iniciais

Eu queria produzir um novo produto voltado para o público infantil com o objetivo de dar voz às crianças, bem como pesquisar e experimentar como fazer jornalismo para este segmento. O plano era produzir uma nova revista ou um programa de rádio. Posteriormente, ao fazer estágio na *Rádio Nacional*, percebi que meu interesse pela área de rádio era maior, especialmente porque os conteúdos voltados para crianças em áudio são muito mais escassos do que no meio impresso.

A primeira intenção era a de que, por meio de entrevistas ou questionários, um grupo de crianças indicasse todas as suas preferências com relação ao novo produto (conteúdo, formato, linguagem). A partir das respostas das crianças, eu elaboraria o projeto editorial e todo o formato do produto. Esta ideia, porém, foi descartada.

Durante o seminário internacional *Infância e Comunicação: Direitos, Democracia e Desenvolvimento*, organizado pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância (Andi), entre 6 e 8 de março de 2013, tive a oportunidade de conhecer pesquisadores da área de comunicação para a infância, dentre eles, Juliana Doretto que fez mestrado na Universidade de São Paulo sobre jornalismo infantil e atualmente faz doutorado em Lisboa sobre a relação entre as crianças e as notícias.

Juliana me alertou que “deixar as crianças escolherem” pode soar algo democrático e participativo para o público, mas pode não render resultados tão bons, porque a criança vai se basear no que ela já conhece ao responder, enquanto os produtos de comunicação devem buscar também novidades e novos modos de produção. E as novidades podem, sim,

agradar e enriquecer culturalmente a criança (e qualquer público) – que não tem como saber disso enquanto não tiver acesso a novos conteúdos.

Descartado o projeto inicial, resolvi procurar novas opções, enquanto desenvolvia outras áreas do projeto. Uma grande preocupação desde o começo foi a questão da qualidade, porque eu realmente queria produzir um conteúdo qualificado para as crianças. Em *Infância e comunicação: referencias para o marco legal e as políticas públicas*, uma publicação da Andi, encontrei um norte para meu produto ao pesquisar sobre a qualidade das produções destinadas à infância.

A publicação cita o professor alemão Lothar Mikos que afirma que “qualidade é uma questão de perspectiva”, indicando que “não é possível pensar em qualidade (...) sem levar em consideração o ponto de vista dos observadores, sejam eles os produtores, os empresários, os professores, os pais e os maiores interessados: as crianças e os adolescentes” (Andi, 2011, p.24). Tendo como plano de fundo a ideia de que a mídia é um poderoso agente que influencia o desenvolvimento cognitivo e social infantil, o texto continua: “A ideia de qualidade não pode ser analisada de forma alheia a uma pergunta de fundo: que crianças e adolescentes queremos formar?” (Andi, 2011, p.24).

A resposta para tal questão encontrei num artigo de Antonio Carlos Gomes da Costa (2004): “Ao nos perguntarmos acerca do tipo de jovem que queremos formar, concluimos que é aquele autônomo, solidário, competente e participativo”. E para formar este tipo de jovem, uma base sólida de conhecimentos e práticas em cidadania aparece como um rumo a seguir. A partir do plano de falar sobre cidadania, desenvolvi as outras fases do desenvolvimento deste projeto.

Pensando em como desenvolver cidadania para crianças, encontrei outras respostas ainda na publicação da Andi, *Infância e comunicação: referencias para o marco legal e as políticas públicas*:

“O acompanhamento de vários projetos de mídia nos quais meninos e meninas são protagonistas indica a existência de um relacionamento muito direto entre a participação da criança na mídia e sua participação na comunidade. Segundo a pesquisadora sueca Cecilia Von Feilitzen, a participação ativa na produção midiática amplia a curiosidade da criança, oferecendo a ela uma visão crítica da mídia, aumenta seu conhecimento da comunidade local e inspira a ação social” (Andi, 2011, p. 42).

A publicação explana conclusões que Cecilia Von Feilitzen obteve após mais de 50 projetos de experimentação da participação infantil. Segundo ela, a participação reforça o

orgulho, o senso de poder, o sentimento de pertencimento a uma comunidade e a autoestima, quando as crianças sentem que o que dizem é valorizado. Estes resultados, porém, não são conseguidos com qualquer tipo de participação, pois “uma experiência autêntica de participação deve sempre buscar agregar valores e aprendizagens, objetivando a sua formação cultural, educacional e cidadã” (Andi, 2011, p. 43).

A Andi traça um mapa da participação qualificada de crianças e adolescentes na mídia, estabelecendo seis formas de ocorrência (Andi, 2011, p. 44 e 45). Tendo em mente a questão da participação como chave fundamental para o exercício de cidadania, este trabalho de conclusão de curso quer estimular a participação infantil por meio de duas dessas maneiras: a participação por meio de espaço para que as crianças expressem suas opiniões; e a participação ao disponibilizar conteúdos que respeitem a inteligência das crianças para sua participação e interação como público, por meio da internet, por exemplo.

3.3 Entrevistas para conhecer o público alvo

O público alvo delimitado do produto compreende crianças com idades entre 8 e 12 anos, especialmente do Distrito Federal. Crianças com idades inferior a 8 anos podem também usufruir do produto, mas levando em conta o desenvolvimento intelectual e a habilidade de saber ler, as crianças acima de 8 anos já se encontram numa fase de maior desenvolvimento que permite que absorvam os conteúdos trabalhados de uma maneira mais eficaz.

Apesar de se destinar ao público infantil em geral, o *Papo de Criança* se direciona especialmente a crianças das classes C, D e E, porque considere que são as que devem ter maior carência de conhecimentos sobre cidadania e as que mais sofrem as consequências da escassez de oportunidades de desenvolver o protagonismo infantil e o exercício de seus direitos, numa cidadania plena.

Desde o primeiro pensamento que tive sobre este projeto experimental, eu desejava fazer entrevistas ou questionários para conhecer melhor as crianças e seus hábitos (inclusive com relação ao acesso de diferentes mídias). A intenção não era conseguir números e estatísticas, mas sim fazer uma pesquisa qualitativa, para conhecer com certa “intimidade” o público do produto e, a partir dos conhecimentos adquiridos, gerar conteúdo, formato e linguagem adequados.

3.3.1 Escolha das escolas

Para esquadrihar crianças do público alvo do produto (classes C, D e E), procurei a Secretaria de Educação do Governo do Distrito Federal que autorizou a realização de entrevistas, bem como da gravação de programas e fotografias em escolas públicas. As escolas pediram autorização dos pais das crianças para que elas fossem entrevistadas. Durante os encontros, coletei telefone dos responsáveis de cada um dos meninos e meninas e, posteriormente, fiz contato para pedir autorização para fazer uso da imagem/voz da criança e esclarecer qual era o projeto em desenvolvimento. Este é um procedimento de praxe na maior parte dos jornais sempre que se faz entrevistas com crianças.

A escolha dos colégios participantes se deu pela disponibilidade. Procurei escolas do Plano Piloto e de cidades satélites para atingir públicos diversos. A Escola Classe 1 do Paranoá foi procurada para participar do projeto, mas no período necessário, os alunos e professores não puderam participar por estarem em período de provas e de preparação para um evento escolar. As Escola Classe 16 do Gama, Escola Classe 8 do Cruzeiro, Escola Classe da 312 Norte e Escola Classe da 413 Sul se mostraram acessíveis e, assim, foram as escolhidas para a realização do trabalho.

O conteúdo destas primeiras entrevistas não foi aproveitado para produzir conteúdos para o produto experimental. O objetivo era conhecer o perfil e os hábitos das crianças. Além das crianças, também foram entrevistados os diretores de todas as quatro escolas, além de uma professora de laboratório de informática da Escola Classe 16 do Gama. As entrevistas com as crianças foram feitas em grupo. À medida que eu fazia uma pergunta, todas eram convidadas a contribuir, oralmente. Com os diretores e a professora, a entrevista foi individual, também de forma oral¹.

3.3.2 Alunos

Os encontros ocorreram com um grupo de seis crianças em cada escola. As respostas deixaram claro que, em geral, as crianças acessam muito a internet, que figura como o meio de comunicação favorito, seguido pela televisão. Na internet, a maioria usa o *Facebook*, escuta música e joga on-line. Na televisão, as crianças assistem desenhos, novelas, séries e filmes. O rádio aparece como um veículo secundário – algumas

¹ A transcrição das entrevistas se encontra no anexo **7.5 Entrevistas para conhecer o perfil das crianças**.

escutavam com frequência rádios de músicas comerciais, mas outras não ouviam rádio de maneira alguma.

Todas as crianças alegaram sentir falta de mais conteúdos de comunicação voltados para elas e se mostraram receptivas para acessar o novo produto que eu ainda iria elaborar. Era consenso entre os meninos e as meninas entrevistados que os adultos não davam a merecida atenção ao que era dito pelas crianças. Os grupos concordaram que, quando uma criança fala algo por meio da mídia (num programa de rádio, na televisão, na internet ou num jornal impresso, por exemplo), ela recebe mais atenção da sociedade do que quando fala fora da mídia.

Durante a entrevista, submeti alguns temas que pensei em tratar no produto à opinião das crianças: política, meio ambiente, esporte, leitura e, por último, direitos e deveres. Todos os temas foram bem aceitos, com exceção da política, que suscitou fortes expressões contrárias. As crianças demonstraram não distinguir bem os diferentes cargos de poder e expressaram descontentamento e decepção com o governo, especialmente com o governo local.

Apenas uma criança considerou “chato” falar sobre a proteção do meio ambiente, enquanto as outras disseram se preocupar muito com o futuro do planeta, além de gostarem de falar sobre isso. Quanto à temática de esportes, surgiram opiniões sobre que esportes são ou não “legais”. As crianças, no entanto, não sabiam ao certo a função do esporte – o único benefício conhecido era de que “esporte faz bem para saúde”. Algumas crianças também alegaram que queriam ser atletas quando crescerem, mas desconheciam a jornada necessária para alcançar este patamar.

A maioria das crianças se animou com o tema de leitura e contaram que leem especialmente gibis – *Turma da Mônica* e *Menino Maluquinho* – e revistas para crianças, como a *Recreio* e a religiosa *Canção Nova Kids*. Sobre cidadania, os grupos indicaram não conhecer o que eram direitos e deveres e nem quais eram, de fato, os direitos e deveres na infância.

Além de conhecer o perfil geral das crianças, estes primeiros encontros serviram para identificar como os meninos e meninas se portam durante a gravação de um programa. Também foi possível, assim, identificar as crianças mais dispostas a falar durante as entrevistas – que seriam bons participantes para os programas de rádio.

A quantidade de seis crianças para o bate-papo se mostrou muito grande para uma conversa em grupo, pois as crianças começavam a dispersar facilmente, por exemplo,

conversando entre si. Com este número, também levava muito tempo para que todos pudessem participar. Por causa disso, defini que um grupo de quatro pessoas seria mais razoável e proveitoso quando da gravação de um programa de rádio.

3.3.3 Diretores

As conversas com os diretores e professores revelaram o perfil dos alunos das escolas: todas possuíam alunos de outras regiões administrativas que estudavam longe de casa em busca de uma educação melhor.

Em geral, o uso de mídia como instrumento pedagógico se resumia basicamente a exibição esporádica de algum filme relacionado a um assunto ministrado em sala de aula. De vez em quando, também havia uso de jornais e revistas em atividades. O rádio não era trabalhado como material de apoio em nenhuma das escolas.

Os alunos deveriam ir ao laboratório de informática, pelo menos, uma vez por semana, o que não ocorria em três das quatro escolas por falta de professor na sala de informática (um estava ausente por licença e as outras escolas aguardavam pelo dia em que este profissional seria disponibilizado pela Secretaria de Educação). Na sala de informática, o professor da turma e o professor da sala de informática devem escolher conteúdos e sites para que os alunos desenvolvam atividades sobre um determinado tópico que está sendo trabalhado nas aulas.

O uso de mídia na sala de aula depende da escolha individual do professor, sendo uma ferramenta opcional. A mídia utilizada em aula está amarrada ao conhecimento do professor sobre aquele meio. Uma das diretoras citou, por exemplo, um professor que se recusa a usar até mesmo o *datashow*, preferindo usar transparências e retroprojeter. Professores sem afinidade com a internet, por exemplo, não faziam uso deste veículo.

Os profissionais entrevistados demonstraram interesse e disposição em usar o novo produto a ser desenvolvido por mim como instrumento pedagógico em sala de aula. Os diretores afirmaram também que bastaria apresentar a novidade ao professor e, se ele considerasse uma iniciativa válida, certamente usaria em sala de aula.

Averigui como as escolas trabalham a temática de cidadania. Em todos os casos, não havia disciplina específica para este assunto. A cidadania é transmitida de modo transversal, perpassando várias disciplinas, de acordo com o projeto pedagógico da escola.

Os diretores sugeriram outros temas que a mídia pode auxiliar a escola a desenvolver: violência (especialmente na escola), *bullying*, tolerância, respeito às diferenças raciais, pedofilia, respeito ao idoso e importância do estudo.

3.4 Projeto editorial

A partir das entrevistas, percebi que um programa de rádio não seria acessado pelo público infantil, pelo menos não significativamente, pois o rádio não é popular entre as crianças. A internet, por outro lado, é campeã de acessos. Por isso, para que o programa tivesse alguma chance de ser bem sucedido, ele deveria estar hospedado na rede mundial de computadores. O programa até poderia ser transmitido por uma rádio também, desde que estivesse presente on-line. A partir deste momento, o projeto passou a ser não mais a produção de um programa de rádio, mas sim a elaboração de um programa de rádio em conjunto com um blog.

O blog deveria estar no *Facebook*, pois é a rede social de que praticamente todas as crianças entrevistadas fazem parte. A partir do *Facebook*, então, o público alvo teria maior chance de conhecer e acessar as novidades do blog. Outra descoberta do período de entrevistas é que várias das crianças acessavam a internet no *tablet* ou no celular, por isso, o blog deveria ter um formato acessível para dispositivos móveis.

A presença expressiva das crianças, mesmo as de classe mais baixa, nos meios on-line foi uma surpresa para mim, mas o acesso de toda a população é algo em expansão, como indica a Andi:

“Mesmo com um quadro grave de exclusão social e digital, é cada vez mais frequente, especialmente nos grandes centros urbanos, o uso das novas tecnologias por este público. Daí o fato de alguns estudiosos chamarem a atual geração de crianças e adolescentes de ‘nativos digitais’: aqueles que vivem, pensam e agem a partir do viés audiovisual/digital. (...) Entre aqueles que têm acesso à internet, seja nas escolas, em casa ou nas lan houses, muitos inclusive já criam suas páginas em sites de relacionamento, mantêm seus blogs e até mesmo postam vídeos produzidos pelos seus celulares em ferramentas como o YouTube” (Andi, 2011, p. 45).

Neste contexto, a produção de um produto para a internet se torna ainda mais legítima. Na internet também, as formas de interação com o público alvo se expandem, o que é positivo e abre novas possibilidades para o projeto.

Levando em conta o que descobri do público alvo durante as entrevistas, elaborei o formato do programa de rádio e os temas. O programa seria temático girando em torno de um bate-papo com crianças. O conteúdo desenvolvido em cada programa foi levantado pelas próprias crianças, sem alguém que guiasse ou orientasse o conteúdo expresso por elas. Apesar de ser um produto para crianças, no formato pensado, os programas não poderiam contar apenas com entrevistados do público infantil. As crianças têm ricas contribuições para dar sobre todos os temas, mas elas mesmas possuem dúvidas e carecem de esclarecimentos.

Por isso, estabeleci que cada programa contaria com a orientação de um especialista no tema, para corrigir eventuais erros que as crianças dissessem (para não transmitir conceitos errados ao público do programa), para responder dúvidas e para contribuir com o desenvolvimento de conteúdos aprofundados sobre o assunto de cada programa, ampliando o conhecimento do público ouvinte sobre o tema trabalhado.

Os especialistas de referência para cada programa foram procurados em instituições de ensino e governamentais. Era importante que os entrevistados tivessem domínio do tema tratado e também falassem com uma linguagem adequada e simples para o entendimento das crianças – por isso, expliquei a cada especialista, na hora da gravação, que eles estavam falando diretamente com crianças no programa, o que os estimulou a manter um linguajar informal, sem termos muito complexos.

A assessoria de imprensa da Universidade de Brasília foi importante instrumento para agendar entrevistas com professores apropriados para cada tema. O especialista para o programa sobre política foi o mais difícil de encontrar: professores e profissionais da Universidade de Brasília, da Universidade Católica de Brasília, da Câmara dos Deputados e da Secretaria de Educação não se sentiam preparados para falar sobre o tema. Por isso, o especialista de política foi uma indicação de uma ex-colega da minha época de estagiária na TV institucional (a TV da Casa) da Câmara dos Deputados. Nos outros programas, os entrevistados foram professores da Universidade de Brasília.

A fala dos especialistas é transmitida em trechos selecionados e também no texto falado por mim como locutora do programa – muito do que é dito na locução dos textos é baseado em frases dos profissionais entrevistados. Isso por questões de duração, já que a fala dos especialistas – e das crianças – não poderia ser transmitida integralmente e também por questões de segurança nas informações, para que os programas não disponibilizassem informações erradas.

Um aspecto muito interessante do rádio e da televisão é a fidelidade para com a fala dos entrevistados. No texto, seja impresso ou on-line, é possível “corrigir” eventuais erros de português. Acho que este tipo de correção não é benéfico porque tira a personalidade e a originalidade da fala da pessoa. Pensando nisso, a fala das crianças no programa foi transmitida sem cortar as partes em que cometem erros de português, para não podar suas expressões e modos de fala – que também revelam aspectos de cada pessoa.

3.4.1 Temas

Os temas e propostas pensados para os programas se relacionam com o exercício da cidadania e são os seguintes:

- **A função, os direitos e deveres da criança (Programa *Criança é gente?*):** Abordar o papel da criança dentro da sociedade, seus direitos e deveres (com foco na representação social, no direito de falar e de ser escutado), as diferenças entre crianças e adultos, as vontades e queixas das crianças.
- **Meio ambiente (Programa *Por que preservar o meio ambiente?*):** Nos encontros nas escolas, as crianças disseram se preocupar com o meio ambiente. O que quero trazer de diferencial neste programa é que cuidar do meio ambiente não pode apenas ser um discurso, por isso, questiono os hábitos das crianças. Especialmente, porque as crianças não possuem autonomia para decidir os hábitos da casa em que moram.
- **Política (Programa *Pra que serve a política?*):** Abordar as opiniões das crianças sobre política (a maioria não gosta do assunto, acha que todos os políticos são corruptos e tem várias reclamações sobre o tema). O que gostaria de passar é que política é muito mais do que “a chatice” que elas veem nos jornais. Política está na escolha de um representante de sala, nas eleições para diretor(a) da escola e em políticas públicas importantes para a vida que talvez as crianças nem achem que seja política.
- **Esporte (Programa *Fazer esporte pra quê?*):** Quando se fala em esporte, as crianças imediatamente pensam nas modalidades que gostam ou não gostam, com especial foco no futebol. O futebol, assim como outras modalidades, não serve apenas para fazer bem à saúde ou como um trampolim para ficar famoso e se tornar um “Neymar”. O esporte funciona também como canal para ensinar princípios como perseverança, concentração, tolerância, respeito e trabalho em grupo. O

esporte, quando desprovido destes princípios, pode gerar problemas como a violência – várias pessoas tiveram experiências traumáticas com os esportes porque não tinham um bom desempenho e acabavam sendo isoladas e humilhadas.

- **Leitura (Programa *Ler é legal?*):** O fato de alguém gostar ou não de ler não pode ser tratado apenas como uma mera questão de gosto pessoal, devido à personalidade. Gostar de ler depende do estímulo que a pessoa recebe, especialmente ainda na infância, para ler, bem como de encontrar materiais pelos quais o indivíduo tenha curiosidade e interesse pela leitura. O programa deve mostrar também os benefícios da leitura, como o estimula à imaginação.

3.4.2 Nome e slogan

Durante os primeiros encontros nas escolas e também nos encontros para a gravação dos programas, expliquei para as crianças meu objetivo de fazer um novo conteúdo midiático para crianças e pedi sugestões delas para o nome do novo produto. As sugestões recebidas foram as seguintes:

- Bate-papo da internet
- Bate-papo na Escola Classe
- Bate-papo kids
- Bla, bla, bla da garotada
- Crianças ajudando o mundo
- Crianças conectadas
- Crianças criativas
- Encontro com as crianças
- Facebook infantil
- Face infantil
- Papagaio
- Papo da galera
- Papo de criança
- Alunos tagarelas
- Blog para crianças maluquinhas
- Quer teclar com as crianças?
- Teclando com as crianças
- Internet mirim
- Vozinhas bonitinhas
- Atenção, nós queremos falar!
- Tema pra criança
- Mesa das crianças

A orientadora deste projeto, Nelia Rodrigues del Bianco, opinou que *Papo de Criança* era a opção mais atrativa e eu concordei, avaliando que este título é claro ao passar a mensagem de que o produto é um espaço em que as crianças falam e são escutadas. Para diferenciar o *Papo de Criança* de outros produtos que tenham o mesmo nome, elaborei um slogan que transmite o tema do produto: *Cidadania não é assunto só de gente grande*.

3.4.3 O programa de rádio

Levando em conta que o programa de rádio seria temático, ocorreria no formato de um bate-papo descontraído, mas também informativo e educativo com as orientações de um especialista, elaborei o formato que guiou os cinco programas do *Papo de criança*².

- **Título:** O título de cada programa deve ser em forma de pergunta, para estimular as reflexões e a curiosidade dos entrevistados e do público e cultivar o tom informal.
- **Finalidade:** Ser um espaço de participação das crianças, onde elas têm vez e voz para debater vários assuntos, de modo a representar os demais indivíduos de sua idade. O programa deve ser mais uma opção para lazer e informação das crianças, tanto em casa quanto na escola, onde pode servir de material auxiliar para professores em sala de aula, por exemplo, nas salas de informática.
- **Reprodução:** O programa pode até ser transmitido por uma rádio, mas o local principal será o blog da internet, onde cada programa estará disponível para ser escutado, enquanto as crianças navegam pela web. Os programas são disponibilizados para serem ouvidos no blog por meio do *SoundCloud*, uma plataforma de compartilhamento de arquivos em áudio, que também funciona como rede social.
- **Temática:** A preferência foi dada a temas que façam parte da base curricular do ensino fundamental, mas que sejam tratados de maneira transversal nas escolas e que tenham relação com a cidadania.
- **Participantes:** Uma mediadora / entrevistadora deve guiar a conversa entre duas meninas e dois meninos, com idades entre 8 e 12 anos. O ideal é que as crianças não sejam tímidas para poderem contribuir mais para o programa. Antes do programa, as crianças devem receber uma breve introdução sobre o assunto a ser tratado, mas a intenção é não destrinchar demais o assunto, para que as crianças

² Veja no anexo 7.4 **Roteiros dos programas** a aplicação deste formato nos roteiros.

possam colaborar com o que já pensavam e sabiam antes da gravação do programa. A participação de um especialista sobre o tema do programa deve ser gravada após o encontro com as crianças, para guiar e instruir sobre o assunto proposto.

- **Duração do programa:** Em torno de 12 minutos. Por se tratar de um conteúdo a ser disponibilizado na internet, não existe a limitação de tempo de uma rádio comercial, por isso, a duração do programa não precisa ser tão firmemente delimitada em quantidade de minutos e segundos.
- **Trilha sonora:** Por se tratar de um programa de rádio relativamente extenso, a presença de músicas e efeitos sonoros é importante para “dar ritmo”, evitando que o conteúdo seja tedioso. Além disso, as trilhas definiriam a experiência que se tem ao ouvir o programa, dando uma “cara” a cada programa. Durante o processo de edição e fechamento dos programas, procurei usar músicas cujo conteúdo ou forma se relacionassem com o tema do programa e com o assunto a ser tratado no momento de execução da trilha.
- **Vinhetas:** As vinhetas de abertura e de pergunta tema de cada programa contaram com a locução do colaborador Tiago Amate. Era importante que uma voz diferente da de quem faz a locução do programa estivesse nas vinhetas para mostrar esta diferenciação.
- **Partes do programa:**
 - **Introdução:** Vinheta de abertura seguida por vinheta de tema do programa. Depois, o assunto do programa é brevemente levantado, passando em seguida para a apresentação de quem são as crianças que participam do programa.
 - **Desenvolvimento:** A locução “costura” as ideias apresentadas pelas crianças e pelo especialista de modo que um tópico desenvolvido introduza o próximo. As sonoras das crianças e do especialista são intercaladas ao longo do programa, para construir um diálogo entre elas, mesmo que este encontro não tenha sido físico.
 - **Intervalo:** Período de 30 segundos que serve para inserir uma curiosidade sobre o assunto do programa ou o depoimento de alguém que tenha desenvolvido algum trabalho relacionado ao assunto do programa.
 - **Continuação do desenvolvimento:** Nesta parte, insere-se o restante do conteúdo das crianças e do especialista, até culminar na conclusão do tópico.

- **Fechamento:** A cada programa, as crianças participantes do debate são estimuladas a criar um “grito de guerra” sobre o assunto que debateram. A frase de finalização, falada por todas as crianças, encerra o programa.

3.4.4 O blog

O blog *Papo de Criança* foi criado para ser a “casa virtual” do programa de rádio, mas acaba por se tornar bem mais que isso, por configurar um canal direito de interação com o público. A proposta é que o blog seja um espaço em que as crianças se sintam à vontade, encontrem conteúdos interessantes e queiram interagir nas ferramentas dispostas para tal.

O *Papo de Criança* é caracterizado como blog e não como site. Apesar de os dois termos serem usados como intercambiáveis, não o são, pois o blog é um tipo de site. A definição de blog deste produto se baseia na descrita por Schmidt: “Weblogs ou ‘blogs’ são websites frequentemente atualizados onde o conteúdo (texto, fotos, arquivos de som, etc.) são postados em uma base regular e posicionados em ordem cronológica reversa. Os leitores quase sempre possuem a opção de comentar em qualquer postagem individual” (Schmidt, 2007, apud Amaral, Recuero & Montardo, 2009).

Adriana Amaral, Raquel Recuero e Sandra Portella Montardo (2009) contam a história dos blogs e explicam que, no início da internet, as diferenças entre site e blog eram quase nulas, mas isso mudou como o surgimento das ferramentas de publicação (a primeira foi a *Pitas*, em 1999, seguida pelo *Blogger*, no mesmo ano) que tonaram a comunicação on-line muito mais fácil e democrática para qualquer usuário de internet. O uso mais popular dos primeiros blogs era como forma de diário pessoal e o blog ainda pode ser um diário pessoal, dependendo do uso que o autor destina a ele. Mas o tempo em que blog era sinônimo apenas de diário virtual já passou. Hoje há outras diversas possibilidades para uso dos blogs, como indica Alex Primo:

“Diante do uso de blogs (...) para as finalidades mais diversas, as definições de blogs como diários pessoais revelam suas limitações. Multiplicam-se hoje os blogs grupais, organizacionais e até mesmo aqueles gerados automaticamente por algoritmos para a divulgação de *spams*, os chamados *splogs*” (Keen, 2007, apud Primo, 2008, p. 2).

Não há, porém, um consenso entre os estudiosos sobre como classificar os diversos tipos de blogs. Em questão de função, as classificações mais aceitas são a estrutural (blog

como ferramenta de publicação a partir de sua estrutura e formato), a funcional (blog como meio de comunicação) e a visão de blog como artefato cultural (que é algo feito pelo homem que revela características de seu autor). Independente da classificação os blogs “consistem em suportes para a comunicação mediada por computador, ou seja, permitem a socialização online, de acordo com os mais variados interesses” (Amaral, Recuero & Montardo, 2009, p. 35).

A plataforma escolhida para o blog do *Papo de Criança* foi o *Blogger*, por ser um modelo virtual com o qual eu já tinha familiaridade, no qual eu teria mais facilidade para elaborar e personalizar o *layout* e a aparência. Outro ponto avaliado na hora da escolha foi que o *Blogger* permite a visualização em dispositivos móveis, como *tablet* e celular, ao contrário de plataformas que criam sites em *Flash*, que podem ser mais atrativas visualmente, mas não são acessíveis em todos os tipos de dispositivos tecnológicos. O endereço do blog foi personalizado (ao usar o final “.com”) para facilitar o acesso e transmitir a ideia de um produto sério e seguro.

O aspecto visual deve acolher as crianças, de modo que elas se identifiquem com o que veem. Para isso, o *layout*³ do blog foi elaborado com cores fortes e contrastantes. O símbolo do blog é a ilustração, de autoria do colaborador Washington Rayk, que retrata dois alunos de escola pública (caracterizados pelo uniforme) que interagem com um *notebook* e um microfone (remetendo ao programa de rádio e também deixando claro que neste blog, a criança tem voz).

Os textos publicados no blog devem ser diretos, com uma linguagem simples, mas sem subestimar a capacidade cognitiva do internauta mirim⁴. As editorias⁵ do blog são as seguintes:

- **Programa de rádio:** O programa de rádio se configura como a principal editoria do blog. Os programas são dispostos em postagens com um texto complementar, em que o público encontra links relacionados ao que foi abordado no programa, bem como fotos dos participantes do programa.
- **Textos:** Esta seria a parte mais factual do blog, onde entram novidades, reportagens, divulgação de eventos, indicações de blogs interessantes, indicação de livros, concursos de redação, dentre outros temas que sejam

³ Ver anexo 7.1 **Aparência do blog.**

⁴ Confira as postagens do blog no anexo 7.3 **Postagens do blog.**

⁵ Vejas as partes do blog no anexo 7.2 **Partes do blog.**

interessantes para as crianças, sem fugir da proposta do estimular o desenvolvimento da cidadania.

- **Carinha da vez:** Esta é uma parte interativa, em que crianças podem se candidatar para ser a próxima *Carinha da vez*, quadro que mostra realizações das crianças, como blogs, canais de vídeo, textos, desenhos, bom desempenho esportivo, dentre outros. As crianças preenchem um formulário para participar, diretamente no blog, no qual podem enviar links, fotos e textos. Depois, é só esperar para ver a criança participante no blog. Deste modo, a criança não precisa se dar ao trabalho de escrever um e-mail, pois encontra na página tudo de que precisa para participar do quadro interativo. A *Carinha da vez* fica numa posição de destaque, na barra lateral do blog.
- **Reclamação:** Esta é a segunda parte interativa do blog, feita para receber denúncias e reclamações de crianças sobre injustiças, violências e outros problemas. A criança preenche um formulário enviando sua queixa e depois o blog disponibiliza este material para o público com dicas de como a criança pode lidar com aquela questão.

3.4.5 A página no *Facebook*

A página no *Facebook* do *Papo de Criança* (www.facebook.com/papo.crianca) é uma extensão do blog, que serve para divulgar as postagens, exibir fotos, além de funcionar como canal de interação mais próximo, em que o público (tanto crianças, quanto pais e professores) pode enviar mensagens e deixar comentários facilmente. O mesmo aspecto visual do blog foi aplicado no *Facebook*, na foto do perfil e na foto de capa. Alguns conteúdos do *Facebook* não estarão presentes no blog, como certas interações que só fazem sentido para esta rede social: como, por exemplo, enquetes, divulgação de fotos do *making of* dos programas, além de compartilhamento de postagens de outras páginas feitas para crianças.

3.5 Teste

Não adianta produzir um conteúdo para um público específico, sem saber se este público aprova o que está sendo feito para ele. Por isso, apliquei um teste de acessibilidade do *Papo de Criança*, quando o primeiro programa (*Pra que serve a política?*) ficou

pronto⁶. Este teste não se propõe a ser um estudo de recepção, apenas uma ferramenta para avaliar o funcionamento do blog e o interesse despertado. Outra grande meta com o teste era identificar possíveis falhas e concertá-las antes da finalização do projeto.

Fiz um contato com a Secretaria de Educação do Governo do Distrito Federal para realizar o teste do blog com uma aluno e uma aluna (com idade entre 8 e 12 anos) em uma escola pública que tenha acesso à internet. O Centro de Ensino Fundamental 4 de Brasília foi indicado e tive fácil acesso para agendar o encontro. Na escola, pedi a diretora que apontasse um menino e uma menina que não fossem tímidos (para que eu pudesse interagir com eles com maior facilidade) para participar da atividade. As crianças escolhidas foram Sávio Bispo, de 12 anos, e Júlia Ramos, de 11 anos.

No laboratório de informática do colégio, cada um teve 10 minutos para acessar o blog e o *Facebook* do *Papo de Criança*. Posteriormente, eles ouviram juntos ao programa de rádio sobre política, pois apenas um dos computadores possuía caixa de som. Enquanto ouviam o programa, as crianças demonstraram certa identificação, pois em vários momentos faziam comentários como “eu também”, “meus pais também”, “é, são todos ladrões”. No momento do programa em que se falou sobre a falta de bola da Escola Classe 312 Norte, os alunos também se identificaram, dizendo “olha só”, “a gente também tem isso”.

Sávio e Júlia gostaram muito do programa de rádio, especialmente da parte em que as crianças falavam. Eles admitiram, porém, certa aversão às falas do especialista consultado no programa (Álvaro Lins), alegando que ele “defende os políticos”. Apesar disso, eles aprovaram as falas em que o especialista explicou conteúdos que eles não sabiam, como por exemplo, as diferenças entre os cargos de poder, a função da política, e como resolver problemas de uma escola pública. Os dois disseram que gostariam de participar da gravação de um programa como este.

Conversei com cada um dos alunos, depois, separadamente sobre o programa e sobre o blog. Os dois disseram ter gostado muito da aparência e da proposta do blog, descrevendo como criativo, legal e interessante. Quando descobriram as seções de *Reclamação* e *Carinha da vez*, os dois se empolgaram muito e quiseram participar. Sávio enviou uma reclamação sobre o peso que carrega na mochila e a falta de armários na escola – esta queixa originou uma postagem no blog.

⁶ A transcrição das entrevistas realizadas durante o teste está no anexo **7.6 Teste de acesso ao blog**.

Júlia se candidatou para ser a *Carinha da vez* já que ela recebeu uma medalha por ser “destaque da escola”, devido a boas notas e bom comportamento. Espontaneamente, tanto Sávio, quanto Júlia curtiram a página do *Facebook* do *Papo de Criança* e disseram que iam convidar seus colegas e parentes para curtir também.

Quando leram a postagem de divulgação da Marcha das Crianças, Sávio e Júlia se interessaram, afirmando que, como esta era uma manifestação para crianças, não devia ser perigosa, então, seus pais provavelmente deixariam que eles participassem.

Como os resultados deste teste se mostraram satisfatórios, conclui que a proposta de *Papo de Criança* estava adequada e não fiz alterações no resto da produção.

4. Resultados e perspectivas

Este projeto experimental resultou num blog (www.papodecrianca.com) que hospeda um conjunto de cinco programas em áudio (*Pra que serve a política?*, *Criança é gente?*, *Fazer esporte pra quê?*, *Ler é legal?* e *Por que preservar o meio ambiente?*), além de uma postagem de abertura, duas pastagens de *Carinha da vez*, uma postagem de *Reclamação* e uma postagem sobre o evento *Marcha das Crianças*. Também faz parte do produto a página no *Facebook* (www.facebook.com/papo.crianca) que contou com *upload* de fotos e a divulgação das postagens do blog.

Outros passos essenciais para a continuidade do *Papo de Criança* como um produto de comunicação, que não puderam ser desenvolvidos durante a elaboração deste trabalho de conclusão de curso, são: divulgação, formação de uma rede de blogs e sites parceiros, busca por colaboradores e por alternativas de o site se sustentar financeiramente. A sustentação poderia ocorrer com a inserção de *banners* pagos por anunciantes – neste caso, seria importante selecionar bem que tipo de produto e que tipo de anunciante entrariam no blog para não ferir as noções de cidadania e protagonismo infantil que o blog se propõe a promover.

Muitos blogs produzem postagens pagas (ou publiciditórias) indicando um determinado produto ou serviço para seu público. Apesar de ser um blog, o *Papo de Criança* preza pelos princípios do jornalismo, então, este tipo de publicação não deveria ser jamais incluído nas opções financeiras. Ao fazer este tipo de postagem, o blog “endossa” certo produto ou serviço, que provavelmente não será entendido pelos leitores (crianças) como um conteúdo comercial, o que acaba sendo enganoso.

Como o foco deste projeto experimental é o programa de rádio, a produção do blog pode não ter recebido tanta atenção quanto deveria, por exemplo, na parte visual. Então, outros passos para a continuidade do *Papo de Criança* seriam pensar em formatos mais adequados para a imagem do blog, novas opções de editorias, além de outras maneiras de interação com o público.

Um passo promissor seria também procurar uma rádio (comercial ou não) que transmitisse os programas do *Papo de Criança* para seu público. Com a veiculação na rádio, o produto estabelecerá qual a sua periodicidade – algo não estabelecido durante este trabalho de conclusão de curso. Creio que para o formato planejado, a veiculação de um programa semanal seria o mais adequado.

5. Conclusão

Existiriam outras diversas possibilidades de criar um novo produto de comunicação destinado às crianças e penso que todos quantos forem possíveis devem ser experimentados. A experimentação favorece novos formatos e evita que os profissionais de comunicação produzam apenas “mais do mesmo”. Ainda que, nos veículos de comunicação social comerciais, os profissionais não tenham autonomia para não se preocupar com aspectos financeiros e testar tudo o que quiserem, o aprendizado que se tem com projetos como este abre os olhos dos profissionais para não se contentarem com o que já sabem fazer, com as alternativas já “garantidas” de produzir.

O tempo para refletir e planejar dá mais espaço à criatividade, o que ajuda a perseguir a meta de, a cada vez, a cada trabalho, a cada reportagem, a cada novo produto de comunicação, produzir com mais qualidade e inovação. Num ramo pouco explorado e pouco valorizado quanto o jornalismo para público infantil, a experimentação se torna ainda mais válida. Um dos grandes ganhos para mim foi a oportunidade de trabalhar no “lançamento” de um novo produto de comunicação, desde o planejamento até a produção. Chance que dificilmente eu teria ao trabalhar num jornal, por exemplo.

Durante a produção, aprendi mais sobre como tratar, entrevistar e valorizar as crianças, como elaborar um conceito, como produzir para internet e como produzir um programa de rádio – fugindo de uma linguagem rígida e formal da qual o jornalismo em geral faz uso, num tipo de produção cuja fidelidade é mais para com a duração da reportagem do que para com os fatos cobertos em si. Finalizo este trabalho mais consciente da função social do jornalismo – e da comunicação – na construção de uma sociedade mais justa. Compreendo que o jornalismo pode, sim, incentivar o exercício da cidadania.

Por mais que o jornalismo para público infantil seja uma área renegada dentro dos jornais, com a elaboração deste produto, percebi que é um segmento ainda mais importante do que eu pensava, porque hoje vejo que a participação da criança na mídia vai muito além de “aparecer no jornal”. Esta participação – desde que seja uma participação de qualidade e não apenas uma mera presença – é realmente

imprescindível para que a criança exerça sua cidadania e se interesse por melhorar a sociedade.

Tive momentos muito prazerosos nas conversas e gravações com as 29 crianças que tornaram a realização deste projeto possível. Nem todas puderam participar dos programas, mas cada uma contribuiu um pouco. Cada uma tinha tanto a dizer que dava muita pena de cortar na hora da edição.

Estes meninos e meninas contribuíram para o *Papo de Criança*, e acredito (e espero) que o *Papo de Criança* também tenha acrescentado algo para eles, a medida que suscitou debates e reflexões sobre temas de cidadania. Durante o programa *Criança é gente?*, a professora de serviço social da Universidade de Brasília Maria Lúcia Leal afirmou que a participação das crianças no programa de rádio do *Papo de Criança* já contribuía para a construção de seus direitos.

O *Papo de Criança* não teve um público que pudesse se inspirar nos textos e programas para cobrar e garantir seus direitos ou para gerar ideias para melhorar a sociedade – como é a ideia do programa e do blog. Isso porque não houve divulgação, como mencionado. Apesar disso, fico contente de sentir que este projeto tenha afetado, de alguma maneira, este grupo de 29 crianças que participou das entrevistas para conhecer o público alvo, das gravações e do teste sobre o acesso ao site.

Ouvi várias crianças perguntarem “tia, quando vai ser o próximo?”, por isso, é um pouco triste pensar que é pouco provável que o *Papo de Criança* sobreviva após a finalização deste trabalho. Mesmo que este produto não continue, segue em mim a vontade de valorizar as crianças e oferecer conteúdo midiático qualificado a elas.

6. Referências bibliográficas

ALCEDO, Monica; REYES, Gaby; SOLARI, Gina; SOUZA, Ricardo. *Promoção da participação protagônica e significativa de crianças e adolescentes expostos à violência*. Save the children, Suécia, 2008. Disponível em <http://www.recrianacional.org.br/index.php?option=com_docman&task=doc_details&gid=34&Itemid=92>. Acesso em junho de 2013.

ANDI. *Infância e comunicação: referências para o marco legal e as políticas públicas*. Brasília: 2011.

AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO Sandra Portella (orgs.). *Blogs.Com: estudos sobre blogs e comunicação*. São Paulo: Momento Editorial, 2009. Disponível em <<http://www.slideshare.net/alexgoncalves/blogscom-estudos-sobre-blogs-e-comunicacao>>. Acesso em junho de 2013.

ARIÈS, Phillipe. *História Social da Criança e da Família*. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: LTC Livros Técnicos e Científicos Editora. 1981.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a cultura*. Campinas: Summus, 1984.

BOGHOSSIAN, Cynthia Ozon; MINAYOU, Maria Cecília de Souza. *Revisão sistemática sobre juventude e participação nos últimos 10 anos*. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902009000300006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em junho de 2013.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. *A literatura infantil: Visão histórica e Crítica*. 6ª ed. São Paulo: Global, 1989.

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002; Introdução: Mapa da viagem; Capítulo IV, A cidadania após a redemocratização.

CORTINA, Adela. *Cidadãos do mundo. Para uma teoria da cidadania*. São Paulo. Edições Loyola, 2005.

COSTA, Antonio Cartos Gomes da. *O Adolescente como protagonista*. 2004. Disponível em <<http://www.lead.org.br/article/view/393/1/186>>. Acesso em junho de 2013.

DORETTO, Juliana. *Pequeno leitor de papel: jornalismo infantil na Folhinha e no Estadinho*. São Paulo, 2010. Disponível em

<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-05112010-113714/pt-br.php>>.

Acesso em junho de 2013.

ECA. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. 1990. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm>. Acesso em junho de 2013.

FERREIRA, Mayra Fernanda. *Jornalismo Infantil: por uma prática educativa*. 2007. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0769-1.pdf>>. Acesso em junho de 2013.

FURTADO, Thaís Helena. *Quem é a criança leitora imaginada pela revista Recreio*. Disponível em:

<<http://soac.bce.unb.br/index.php/ENPJor/XENPJOR/paper/viewFile/2028/181>>. Acesso em junho de 2013.

GOMES, Wilson. *Jornalismo, fatos e interesses: ensaios de teoria do jornalismo. Série Jornalismo a Rigor*. Florianópolis: Insular, 2009.

LAJOLO, Marisa. *Infância de papel e tinta*. In: FREITAS, Marcos César de (Org.). *História Social da Infância no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LEAL, Maria Lúcia Pinto; CÉSAR, Maria Auxiliadora de; LEAL, Maria de Fátima Pinto. *Participação e protagonismo de adolescentes e jovens nas práticas institucionais*. Brasília: UnB, 2012.

MEC, Ministério da Educação. *Professor da pré-escola*. Rio de Janeiro: FAE, 1991.

MARSHALL, Thomas Humprey. *Cidadania, classe social e status*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MARTINS, José de Souza. *A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza, classes sociais*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

NOSELLA, Maria de Lourdes Chagas Deiró. *As belas mentiras, a ideologia subjacente aos textos didáticos*. São Paulo: Moraes, 1980.

ONU. *Convenção sobre os Direitos da Criança da Organização das Nações Unidas*. 1989. Disponível em

<http://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf>.

Acesso em junho de 2013.

PIAGET, Jean. *O Raciocínio na Criança*. Rio de Janeiro: Record, 1967. 241p.

PRIORE, Mary Del (Org.). *História das Crianças no Brasil*. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.

VARÃO, Rafiza; BEMFICA, Veronica. *Quando jornalismo e infância se encontram: notas históricas sobre o surgimento da imprensa jornalística para crianças*. 2009.

WIGGERS, Ingrid. *Corpos desenhados – olhares de crianças de Brasília através da escola e da mídia*. 2003.

7. Anexos

7.1 Aparência do blog⁷

PAPO DE CRIANÇA
Cidadania não é assunto só de gente grande

Inicio O que é? Quem faz? Programa
Carinha da vez Reclame Professor

Seja bem-vindo

Você está no Papo de Criança, um blog com reportagens, textos e programas de bate-papo felizes para crianças. Aqui a criança conhece conceitos de cidadania e pode falar o verbo à vontade.

Papo de Criança no Facebook

Papo de Criança
Você curtiu isso:

Você e outras 33 pessoas curtam Papo de Criança.

Carinha da vez

O André é a Carinha da Vez no Papo de Criança. [Continue a ler >](#)

Quer aparecer aqui também? Preencha o formulário.

Reclamação: Minha escola não tem armário

Postado por Ana Paula Lisboa em 23.6.13 0 comentários

O Sévio Bispo tem 12 anos e estuda no Centro de Ensino Fundamental 4 de Brasília, que fica na 113 Sul. Ele foi convidado para testar o Papo de Criança. Durante a navegação, ele enviou uma reclamação séria sobre o peso que os alunos carregam na mochila. Ele já tem uma ideia de como resolver o problema: instalar armários na escola.

[Continue a ler >](#)
@Mensagens: [Reclamações](#)

Evento: Marcha das crianças

Postado por Ana Paula Lisboa em 19.6.13 0 comentários

Marcha das Crianças 30/06/2013 às 9h No Parque da Cidade

Se você mora no Distrito Federal, deve ter ficado sabendo das manifestações que estão rolando por aqui. Estes protestos não são exclusividade da Capital Federal: São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre e outras cidades também estão dentro do movimento. Tudo porque as pessoas estão indignadas com o tanto de dinheiro que está sendo gasto para a Copa do Mundo. Em São Paulo, outro motivo dos protestos é o aumento no preço da passagem de ônibus.

[Continue a ler >](#)
@Mensagens: [Eventos](#)

Programa: Pra que serve a política?

Postado por Ana Paula Lisboa em 18.6.13 0 comentários

⁷ Disponível em www.papodecrianca.com

7.2 Partes do blog

Barra lateral

Seja bem-vindo

Você está no Papo de Criança, um blog com reportagens, textos e programas de bate-papo feitos para crianças. Aqui a criançada conhece conceitos de cidadania e pode soltar o verbo à vontade.

Papo de Criança no Facebook



Papo de Criança
Curte

34 pessoas curtiram Papo de Criança.



Plurim social do Facebook

Carinha da vez



O André é a Carinha da Vez no Papo de Criança.
[Continue a ler >>](#)

Quer aparecer aqui também? Preencha o [formulario](#).

O que você procura?

O que é?

O que é?



Você já deve ter passado por alguma situação em que não foi escutado e não recebeu atenção como deveria. Sabe quando seus pais dizem pra você ficar quieto porque estão tendo uma "conversa de adulto"? Ou quando você tem uma ideia genial pra contar, mas não dão bola só porque você é pequeno?

Pois este é um problema da maioria das crianças. O *Papo de Criança* surge para amplificar a voz de meninos e meninas, por meio de entrevistas, programas de bate-papo e reportagens. Aqui a criança pode dizer o que pensa sem medo, porque falar e ser escutado é também um direito! Você pode participar enviando desenhos, vídeos, fotos e outras produções para o site.

O *Papo de Criança* também trata de cidadania, porque, talvez você não saiba, mas toda criança é cidadã – mesmo que não possa votar. E um cidadão completo conhece seus direitos e deveres, sabe dos problemas de sua comunidade (que pode ser a escola, o condomínio, a quadra, a cidade) e age ativamente para melhorá-los, de pouquinho em pouquinho. E, assim, acaba por fazer do mundo um lugar melhor para se viver.

Quem faz?

Quem faz?



Papo de Criança é um projeto experimental de Ana Paula da Silva Lisboa, aluna de jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, sob orientação da professora Nella del Bianco.

Ana Paula Lisboa

Programa

Programa

O programa *Papo de Criança* é um bate-papo temático entre um grupo de quatro crianças que estudam na mesma escola. A garotada fala o que dá na telha e, depois, a gente consulta algum especialista pra dar sua contribuição sobre o assunto. Os programas você confere em áudio e, enquanto escuta, pode continuar navegando pela internet.

Clique [aqui](#) para ouvir todos os programas.

Se você gosta de falar e quiser participar desta roda de conversa, entre em contato pelo e-mail ou pelo [Facebook](#). Você também pode sugerir um tema.



Carinha da vez

Carinha da vez



O Carinha da Vez é um espaço onde os leitores do *Fapo de Criança* podem participar enviando desenhos, vídeos, textos, ao contando experiências de vida interessante, compartilhar conquistas num esporte e muito mais. Aqui você é livre para aparecer.

Quer ser a próxima ou o próximo Carinha da Vez no *Fapo de Criança*? É fácil, basta preencher o formulário abaixo.

Seja a Carinha da Vez

Nome *

E-mail *

Facebook

Blog / canal do Youtube

Idade *

Envie uma foto sua *

Quem é você? Diga do que gosta/não gosta, quais são seus passatempos *

O que você fez de diferente? Aqui você pode colocar redações, poesias, ou descrever suas produções, como desenhos e vídeos. Também pode falar de suas conquistas esportivas ou de seu animal de estimação. Fique livre para contar algo novo. *

Reclame

Reclame



Está indignado porque seus pais não deixam você fazer nada sozinho? Ficou com raiva porque sua família leu o seu diário? Está cansado de falar, falar e não ser escutado? Não aguenta mais quando a professora grita com você? Você sabe de alguma injustiça ou violência acontecendo com alguma criança?

Reclame aqui! O *Papo de Criança* vai publicar as reclamações com dicas sobre como lidar com estas situações.

Reclame aqui

Nome *

E-mail *

Idade *

Reclamação *

Se tiver alguma foto para mostrar sua denúncia, pode enviar

Selecionar arquivo...

Enviar

Professor

Professor



O *Papo de Criança* foi feito pra crianças, mas professores de ensino fundamental podem usar matérias, programas de rádio e outros conteúdos do blog para introduzir um assunto em sala de aula, como política, meio ambiente, cidadania, leitura e muito mais. O blog é também uma opção a ser aproveitada na sala de informática. A gente sabe que a escola não dá conta de ensinar, sozinha, todos os conteúdos, por isso, o *Papo de Criança* pode ser uma ferramenta para ampliar o que é passado em sala de aula ou mesmo abordar assuntos ainda inéditos para as crianças.

As produções feitas em classe também podem aparecer no site. Para mais informações, dúvidas de como usar o material, sugestões, ou envio de produções, entre em contato: contatopapodecrianca@gmail.com.

7.3 Postagens do blog

Seja bem vindo

Seja bem-vindo!

Postado por Ana Paula Lisboa em 9.6.13 



Olá, seja bem-vindo ao *Papo de Criança*, um blog onde você vai encontrar reportagens, textos, programas de bate-papo, além de conteúdos feitos por crianças, como desenhos, fotos e vídeos. No *Papo de Criança*, nenhuma ideia é besteira. Aqui as crianças podem se expressar e ficar por dentro dos assuntos da nossa sociedade.

Criança também é cidadão e tem que conhecer seus deveres – para cumprir – e seus direitos – para cobrar que eles sejam respeitados. Um direito das crianças, por exemplo, é falar e se fazer escutar. Aposto que você não sabia que criança tinha direito de ser ouvida, mas tem!

Além de conhecer direitos e deveres, para agir como cidadão, a criança (assim como o adolescente, o jovem, o adulto e o idoso) precisa conhecer as características, as novidades e os problemas do mundo em que vive – para, quem sabe, ajudar a resolvê-los. Faz lembrar aquela velha frase que escutamos muito “Se cada um fizer a sua parte...”

E pra você fazer a sua parte, não precisa nem mudar o mundo inteiro: a mudança pode começar no seu quarto, na sua casa, na sua escola, na sua quadra... Espere os próximos posts para conhecer melhor o *Papo de Criança*. Aproveite e curta nossa página no [Facebook](#).

Programa: Criança é gente?

Programa: Criança é gente?

Postado por Ana Paula L. Leal em 22.06.12



Você confere agora o primeiro programa de rádio do Papo de Criança. Este bate-papo inaugural vai responder a uma pergunta: Criança é gente? Essa pergunta pode parecer estranha, mas tem motivo. Você já reparou que criança não é tratada como adulto? Será que essa diferença é porque gente pequena não é tão gente quanto gente grande? Descubra agora junto com quatro alunos da Escola Classe de 413 Sul.



O Wallysson, o Caleo, a Tamara e a Isabela sentaram para conversar e disseram tudo o que queriam sobre este assunto. Além deles, a professora de serviço social e estudiosa da infância Maria Lúcia Leal deu sua contribuição sobre esta delicada questão.

Não perca mais tempo e escute agora:



Programa: Pra que serve a política?

Programa: Pra que serve a política?

Trabalho com: **Prática de Leitura** em 2010



Exat! Na rede, o programa de leitura da Escola Classe 312 Norte faz a festa de a política. É quando se fala em política, é possível que a primeira coisa que passa pela sua cabeça seja a imagem de políticos sem graça no suas reuniões oficiais. Mas, na verdade, a política política brasileira não é muito animada e a maioria das pessoas estão ficando sem interesse pela assunto. Será que existem coisas de melhor sobre política? Vamos descobrir junto com quatro crianças.



EC 312 Norte



É Alice e Juliana, a Mayra e a Guilherme, alunos da Escola Classe 312 Norte, a celebrarem por ter lido e seu compartilhamento com os professores. O resultado política: Uma nova aula de matemática sobre Lúmina e uma aula de uma língua por nos ensinar sobre como entender e como falar com a política.

Escola agora o programa e oferece por que seria a política. Enquanto isso, não pode esquecer por continuar navegando na Internet e usando suas redes sociais.




Ludovica Falber

Na Internet, não é só um texto de leitura. Não, existem de uma página numa rede social por denunciar os problemas de saúde política entre as escolas, em Florianópolis, Santa Catarina. Foi um jeito simples de atingir muita gente e que levou soluções. Na escola, a leitura não foi sem ajuda por ler e a muita polêmica. Também entre eles, mas a importância é que ela gerou um seu iniciativa. Confira a página da Escola Classe 312 Norte.

Projeto de Leitura - Escola Classe 312 Norte

Programa: Ler é legal?

Programa: Ler é legal?

Realizado por Ana Paula Lisboa em 22.6.19



Existem tantos textos pelo mundo esperando para serem lidos. Alguns divertidos, outros nem tanto. Há aqueles que podem até fazer você chorar. E, claro, há uns tantos que você nem vai conseguir terminar de ler porque não gostou. Existe livro para todos os gostos. Será? Se é assim, porque algumas pessoas não gostam de ler? Será porque não acharam o texto certo ainda? Talvez... Venha descobrir se ler é legal (ou não) com quatro crianças em mais um programa de bate-papo.



O Ítalo, o Wilson, a Débora e a Fernanda são alunos da Escola Classe 16 do Gama e contam o

Programa: Por que preservar o meio ambiente?

Programa: Por que preservar o meio ambiente?

Prezado por Ana Paula Ladeira em 21.6.18



A gente vive escutando por aí que é preciso cuidar do meio ambiente, falta saber se você presta atenção nisso de verdade. Quase todo mundo sabe como cuidar melhor do planeta. Precisa gastar pouca água no banho ou ao lavar a louça, deixar a luz ligada só quando precisa, separar o lixo... Ter um discurso ambiental é fácil, mas será que as pessoas têm hábitos ecológicos no dia a dia? Vamos saber como quatro crianças gastam os recursos naturais e descobrir porque preservar o meio ambiente.



Programa: Fazer esporte pra que?

Programa: Fazer esporte pra que?

Postado por Ana Paula Lisboa em 21 de 03 de 2012



Fazer esporte pra que? Para evitar a obesidade, aliviar o stress, prevenir doenças do coração, dormir melhor, ficar mais forte... A lista de vantagens que o esporte traz para o corpo é enorme e não dá nem para falar tudo aqui. Só que cuidar da saúde não é o único motivo para se exercitar. Ao praticar um esporte, você também aprende dicas valiosas de como viver em sociedade. Não sabia? Conheça quais dicas são estas junto com quatro outras crianças no programa do Papo de Criança.

Um grupo de alunos da Escola Classe 8 do Cruzeiro topou conversar sobre esportes e falou muita coisa interessante. O Rafael, a Vitória, a Angéla e o Guilherme são muito ativos e três deles querem ser atletas profissionais.



Além de contarem o que fazem, estas crianças revelaram até algumas brigas que tiveram por

Carinha da vez: Júlia

Carinha da vez: Júlia

Postado por Ana Paula Lisboa em 27.6.12



Júlia

O *Papo de criança* foi testado por duas crianças, o Sávio (que você conheceu na última reclamação) e a Júlia, que você conhece agora. A Júlia Ramos tem 11 anos, estuda o 7º ano no Centro Educacional 4 de Brasília e está famosa na escola porque ganhou uma medalha. Agora ela é reconhecida aqui, como a *Carinha da vez*.

As notas e o comportamento da Júlia são tão exemplares que ela ganhou o título de Destaque na escola dela. Foi por isso que ela ganhou uma medalha. Ela mandou a foto pra gente.



Carinha da vez: André

Carinha da vez: André

Postado por Ana Paula Lisboa em 17.6.12



Este é o André Machado, ele tem 11 anos. Seus passatempos são jogar Minecraft, brincar com seus cachorros Quinze e Mandy. O André está no Carinha da Vez porque adora fazer vídeos usando o Paint e o Movie Maker.

Ele também cria suas próprias histórias em quadrinho. Ele fez toda uma série baseada em personagens que ele inventou, como o Ipi e os Dipockets.

Assista uma das animações:



Em outra de suas ilustrações animadas, André retratou um combate entre Naruto e Rock Lee (seu personagem preferido deste desenho). Quem será que vai ganhar?



Reclamação: Minha escola não tem armário

Reclamação: Minha escola não tem armário

Feito por Ana Paula Lisboa em 20.6.12



O Sévio Bispo tem 12 anos e estuda no Centro de Ensino Fundamental 4 de Brasília, que fica na 113 Sul. Ele foi convidado para testar o *Papo de Criança*. Durante a navegação, ele enviou uma reclamação séria sobre o peso que os alunos carregam na mochila. Ele já tem uma ideia de como resolver o problema: instalar armários na escola.

Leia a reclamação dele:

“

Queria reclamar sobre um motivo bem importante: acontece que na minha escola CEF 04 DE BRASÍLIA não tem armário e todos os alunos reclamam disso porque a maioria fazem curso e moram longe. Sendo assim nós carregamos muito peso na mochila causando várias dores nas costas e demais partes do corpo. Eu queria fazer um apelo porque minhas costas estão doendo, eu preciso de armário! Eu moro em Samambaia, pego o metrô e levo 1 hora e meia para chegar na escola, carregando a mochila. A gente queria colocar armário na escola, só que não tem verba na escola para colocar, porque se tivesse a gente colocaria. Um grupo de alunos mostrou um projeto de armários para diretora em que a gente pagaria aluguel pelo armário, mas, mesmo assim, ela não topou. Queria então pedir uma solução para esse problema!!!”



Se você pensava que dor nas costas era coisa de velho, está enganado. As crianças também sofrem com isso por causa do peso que carregam nas mochilas. Algumas chegam a desenvolver problemas de postura que terão pela vida toda. O armário é ótimo porque permite ao aluno trazer para a escola apenas o essencial. O Sévio não aguenta mais esta situação, mas a mudança depende dele também. O *Papo de Criança* não pode trazer nenhuma solução mágica, mas seguindo os passos abaixo, dá para avançar bastante para conseguir o que ele pede. Então, mãos à obra!



Boa na Internet

Reclamar na Internet divulga o problema e aumenta a pressão para solucioná-lo. O Sévio pode pedir para seus colegas reclamarem na Internet também. Para se inspirar, escute o programa *Pro que serve a política?* e conheça a Isadora Faber que conseguiu melhorias na escola dela usando a Internet.

Fazendo uma vaquinha

Se a direção da escola deixar e todos toparem, cada aluno pode pagar para ter os armários. Com um adulto, procure uma loja de móveis escolares e faça um orçamento. Talvez nem fique tão caro. Se você quer que a escola providencie os armários, veja como pedir.

Negociação na escola

É importante que os alunos se organizem para pedir a instalação dos armários à direção da escola. Um grupo pode negociar em nome de todos. Dá até para fazer um abaixo-assinado para dar validade ao pedido. Peça ajuda aos pais e professores neste processo.

Negociação com poder

Se negociar com a direção do colégio não adiantar, lembre-se de que esta não é a última instância. Agora é hora de fazer



Evento: Marcha das Crianças

Evento: Marcha das crianças

Postado por Ana Paula Lisboa em 19.6.13

Marcha das Crianças
30/06/2013 às 9h
No Parque da Cidade



Se você mora no Distrito Federal, deve ter ficado sabendo das manifestações que estão rolando por aqui. Estes protestos não são exclusividade da Capital Federal: São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre e outras cidades também estão dentro do movimento. Tudo porque as pessoas estão indignadas com o tanto de dinheiro que está sendo gasto para a Copa do Mundo. Em São Paulo, outro motivo dos protestos é o aumento no preço da passagem de ônibus.

Manifestar não precisa ser coisa só de gente grande. Chegou a hora de as crianças botarem a mão na massa para lutar por um Brasil melhor. É com este pensamento que um grupo de pais e mães organizou a Marcha das Crianças. Se você quer participar, chame seu pai e sua mãe ou algum adulto para acompanhá-lo e se junte a outras crianças que vão marchar pedindo mudanças para o nosso país. Veja o evento no Facebook, para saber mais informações.

Quando e onde?

Domingo, 30 de Junho, a partir das 9h da manhã. O grupo vai se encontrar no Castelhino do Parque da Cidade para depois marchar.

O que levar?

Água, lanche, boné e protetor solar. As crianças devem vestir branco e levar um cartaz. Não esqueça de fazer na sua casa (pode ser com cartolina e canetinha mesmo) uma placa dizendo o que você quer que mude.



Não esqueça de fazer seu cartaz

Que manifestações são essas?



A abertura da Copa das Confederações foi dia 15 de Junho, sábado, quando o Brasil goleou o Japão por 3 x 0. No mesmo dia, enquanto torcedores estavam dentro do novo Estádio Nacional Mané Garrincha, manifestantes estavam do lado de fora protestando contra os custos da Copa das Confederações e da Copa do Mundo de Futebol, que será no Brasil em 2014. A polícia botou a galera para correr usando balas de borracha e gás lacrimogêneo.

No dia 17 de Junho, mais ou menos 5 mil pessoas foram até o Congresso Nacional munidas de cartazes para reclamar dos custos da Copa e pedir mais dinheiro para saúde e para educação. O povo subiu em cima de onde ficam as "baclás" do Congresso Nacional.

A Copa custa caro?

Muita gente comemorou quando o Brasil foi sorteado para sediar a Copa do Mundo, mas quase ninguém sabia o quanto ia ser gasto para que isso se tornasse realidade. A construção de doze estádios saiu pela bagatela de mais de 7 bilhões de reais, quantia com a qual daria para construir 8 mil escolas públicas ou comprar 39 mil ônibus escolares. Isso sem falar nas outras obras...



Só a construção do novo Mané Garrincha custou mais de 1 bilhão de reais, três vezes mais que

7.4 Roteiros dos programas

Programa: Pra que serve a política?

TEC: Vinheta de abertura

LOC: Olá, seja bem vindo a mais um Papo de Criança. O programa de hoje gira em torno de uma pergunta:

TEC: Vinheta “Pra que serve a política?”

LOC: É só falar em política que muita criança e muito adulto faz cara feira. Mas a política faz parte da vida de todo mundo, mesmo que você não goste do assunto. A política não está presente apenas nas eleições para governador, presidente, deputado e senador. Se, no seu colégio, você já votou pra escolher o representante da sala, saiba que isso é política. As eleições para diretores das escolas públicas também são um processo político. E até as brincadeiras em que é preciso escolher um líder envolvem um pouco de política. Como será que as crianças percebem a política? Quatro alunos da Escola Classe da 312 Norte vão ajudar a responder esta pergunta. Mas, antes, vamos conhecê-los:

TEC: Sonora

LOC: Essa turminha da Escola Classe 312 Norte soltou o verbo e falou tudo que pensa sobre política e sobre os políticos.

TEC: Sonora

LOC: Espera Alice, pelo menos o nome do PT e do PV, você sabe. Mas é difícil lembrar o nome de todos os partidos. DEM, PSOL, PT do B, PP... hum... É tanta sigla que a gente se perde. No total, existem trinta partidos políticos no Brasil. E cada um deles é um grupo de pessoas com a mesma ideologia, ou seja, são pessoas que acham que o nosso país deveria ser comandado de um determinado jeito. E esses partidos disputam entre si para chefiar o Brasil. Agora, vamos descobrir, pra que, afinal de contas, serve a política com o consultor político Álvaro Lins:

TEC: Sonora

LOC: E as crianças, o que acham do caráter dos políticos?

TEC: Sonora

LOC: O consultor político Álvaro Lins discorda de vocês.

TEC: Sonora

LOC: Os pais e as mães do Wesley, do Guilherme, da Alice e da Juliana vivem reclamando por causa da corrupção. A mãe da Juliana até conversa com a TV.

TEC: Sonora

LOC: É, mas reclamar com a televisão não adianta muito. O Álvaro Lins aconselha que a mãe da Juliana use bem o seu voto nas próximas eleições:

TEC: Sonora

LOC: Aqueles anúncios políticos cheios de promessas bonitas podem até encher a gente de expectativa. Mas é uma decepção muito grande, quando a gente percebe que as promessas ficaram só nas propagandas. Ao longo de seus 9 anos de vida, a Alice andou reparando nisso:

TEC: Sonora

LOC: Epa! Será que não dá pra fazer nada mesmo? Na sua casa quem manda são os pais, certo? Se você quer alguma coisa, precisa negociar pedir, e, às vezes, até chorar. Tem vezes que os pais prometem alguma coisa e acabam esquecendo. Aposto que você vai reclamar com a sua mãe se ela disse que ia levar você ao parque e não levou. Com os políticos também é assim: as pessoas têm que reclamar e dar sugestões. E dá pra reclamar

pelo telefone da Câmara Distrital e da Câmara dos Deputados, por exemplo. Dá para colocar a crítica na internet, falar com vizinhos e amigos... O Wesley acha que o governo tem que arranjar algum jeito de evitar que os políticos sejam corruptos:

TEC: Sonora

LOC: Uai, mas o Brasil tem governador, Wesley? O Álvaro Lins vai explicar pra gente a diferença entre os diversos cargos de poder.

TEC: Sonora

LOC: Não saia daí, daqui a pouca a gente volta pra continuar discutindo pra que serve a política.

TEC: Vinheta de intervalo

TEC: Sonora – Recado da Isadora Faber

TEC: Vinheta de intervalo

LOC: Estamos de volta com o Papo de Criança e hoje o programa responde a uma pergunta: “Pra que serve a política?”. O Wesley, o Guilherme, a Juliana e a Alice são alunos da Escola Classe da 312 Norte e já sabem que a política não existe apenas no Congresso Nacional. A escola deles, por exemplo, tem eleição pra diretor. E isso é política. Os pais e os professores votam pra escolher quem vai comandar o colégio. A diretora da Escola Classe 312 Norte é a mãe da Alice e ela não usou propaganda para se candidatar:

TEC: Sonora

LOC: É, mas essa era uma eleição pequena, só dentro da escola. De acordo com o consultor político Álvaro Lins, toda eleição grande precisa de propaganda.

TEC: Sonora

LOC: Assim como nas eleições para presidente, governador, deputado e senador, as crianças também não podem votar pra escolher a diretoria da escola. O Álvaro Lins explica porque não.

TEC: Sonora

LOC: Depois das eleições escolares, é hora de enfrentar os problemas do colégio. Será que tem alguma coisa precisando mudar na Escola Classe 312 Norte?

TEC: Sonora

LOC: Lá vai a dica para conseguir bolas novas pra escola.

TEC: Sonora

LOC: Outra opção é fazer como a Isadora Faber do Diário de Classe ou inventar outro jeito criativo de exigir seus direitos. E voltando à nossa pergunta: “Pra que serve a política?”. A gente viu que a política deve levar o Brasil pra frente, mas nem sempre os políticos são honestos pra fazer isso, mas existem sim os que ajudam o nosso país a crescer. Se a política ainda parece uma coisa muito distante pra você, o Álvaro Lins explica que ela está mais perto do que você imagina.

TEC: Sonora

LOC: Para terminar, a Alice, a Juliana, o Wesley e o Guilherme deixam um recado, que é uma ordem.

TEC: Sonora

TEC: Vinheta de encerramento

Programa: Por que preservar o meio ambiente

TEC: Vinheta de abertura

LOC: Olá, seja bem vindo a mais um Papo de Criança. O programa de hoje gira em torno de uma pergunta:

TEC: Vinheta “Pra que preservar o meio ambiente?”

LOC: O meio ambiente é tudo que está ao nosso redor, integra objetos, animais, plantas e pessoas. Preservar o local em que vivemos é muito mais do que um discurso bonito e ecologicamente correto. Cuidar do mundo à nossa volta deve ser um hábito. Vai desde desligar a torneira enquanto escova os dentes, tomar banhos menos demorados, até não jogar lixo no chão... Pra falar sobre isto, eu encontrei quatro alunos da Escola Classe 16 do Gama. Vamos saber agora quem são eles:

TEC: Sonora

LOC: E quando se fala em meio ambiente, o Artur, o Vítor, a Anna Júlia e a Isadora Débora sentem medo. Por quê?

TEC: Sonora

LOC: Existe motivo pra esse medo todo? A pós-doutora em meio ambiente e mestre em educação ambiental Sandra Lima dá a opinião dela.

TEC: Sonora

LOC: O Artur e a Isadora também temem a extinção de espécies por causa do tráfico de animais.

TEC: Sonora

LOC: Além dos pássaros, tem muitas espécies de plantas e de animais que correm o risco de parar de existir como o tigre, o urso polar, o panda, o pinheiro do Paraná, o pau-brasil... Muitos já até foram extintos. É o caso da tartaruga gigante de Galápagos. O último representante da espécie morreu em junho do ano passado. O quagga era um animal da África que parecia ser metade zebra e metade cavalo, porque tinha listras pretas e brancas apenas na metade do corpo. As pessoas caçaram tanto o quagga que não sobrou nenhum pra contar a história. O ser humano é responsável por muitas extinções como estas. E a ameaça para os animais pode estar na caça e também na poluição e na destruição do habitat em que vivem os bichos. Mas destruir a natureza não afeta apenas as plantas e os animais, traz consequências pra você também.

TEC: Sonora

LOC: As meninas Isadora e Anna Júlia sabem algumas dicas de como preservar a natureza.

TEC: Sonora

LOC: Falar é fácil, mas como as crianças estão usando os recursos naturais do nosso planeta? O Artur planta sementes de girassol junto com o irmão dele. O Vítor usa garrafa pet pra fazer carrinhos. A Isadora mora num prédio em que é preciso separar o lixo de acordo com o material – plástico, papel, vidro, metal... E ela separa tudo direitinho. Legal, mas como eles estão gastando a energia?

TEC: Sonora

LOC: A maior parte da energia brasileira é gerada por usinas hidrelétricas, que são como fábricas de energia à base d'água. E quanto mais energia o brasileiro consome, mais água é gasta e mais usinas precisam ser construídas. A construção de usinas muda o caminho dos rios, traz desmatamento, causa problemas para quem mora naquela área, que podem ser até índios. Então, apertar o botão pra desligar uma luz tem muito mais consequências do que você imagina. Lá vai uma dica da Sandra Lima pra consumir menos energia, sem diminuir o uso:

TEC: Sonora

LOC: Já já a gente volta com mais Papo de Criança pra falar sobre o meio ambiente. Espera um pouquinho.

TEC: Vinheta de intervalo

LOC (Tiago): Os problemas ambientais causados pelo homem estão em toda parte, inclusive no Distrito Federal. Você sabia que o Lago Paranoá corre o risco de para de existir? Este risco existe por causa do tanto de esgoto e lixo que vão para nas suas águas.

Estes detritos se acumulam no fundo do lago, num processo chamado assoreamento. Assim, cabe cada vez menos água no Lago artificial de Brasília. O perigo é tão sério que o Secretário de Meio Ambiente do DF, o Eduardo Brandão, chegou a dizer que “se continuar nesse ritmo, daqui 20 anos, o Lago Paranoá só vai existir nas lembranças dos brasilienses”.

TEC: Vinheta de intervalo

LOC: Estamos de volta com o Papo de Criança e hoje a conversa é na Escola Classe 16 do Gama com o Vitor, o Artur, a Anna Júlia e a Isadora Débora pra responder a uma pergunta:

TEC: Vinheta “Por que preservar o meio ambiente”.

LOC: A gente já viu que esses meninos não gastam tanta energia. Parece que a maior dificuldade deles está em economizar água. A Ana Júlia, o Artur e a Isadora Débora ajudam nas tarefas de casa, mas estes três na pia da cozinha significam prejuízo certo pros pais.

TEC: Sonora

LOC: Pougando água e energia é claro que as contas no fim do mês vão ficar menores, o que é bom pro bolso dos seus pais e também pra natureza. Outro ponto delicado pra garotada é a hora do banho:

TEC: Sonora

LOC: Deixa eu contar uma coisa: se nós sujarmos e gastarmos toda a água, a situação vai ficar complicada. Não tem como brotar da terra ou cair do céu água limpinha e nova pra colocar no lugar daquela que nós gastamos. Por causa disso, a professora Sandra tem uma liçãozinha pra vocês, crianças:

TEC: Sonora

LOC: E não é porque o Brasil é um país com muita água que os brasileiros podem gastar mais que os estrangeiros.

TEC: Sonora

LOC: Além da água e da energia, tem outra questão que impacta o meio ambiente: as coisas que compramos. E a garotada acaba admitindo seu lado consumista.

TEC: Sonora

LOC: E qual é o problema disso, Sandra?

TEC: Sonora

LOC: É muito sério mesmo, porque todo esse lixo deveria ser descartado sem prejudicar a natureza, mas, muitas vezes, não é o que acontece. O Artur, o Vítor, a Anna Júlia e a Isadora Débora sabem o que é melhor pro planeta, mas quando eles veem alguém desperdiçando água ou energia, fica difícil pedir pra pessoa mudar.

TEC: Sonora

LOC: A Sandra acha que ensinar pelo exemplo poder ser uma opção melhor:

TEC: Sonora

LOC: Você sabia que não cuidar do meio ambiente também é falta de educação? Quem joga lixo no chão ou quem desperdiça água está desrespeitando o planeta Terra. E as crianças podem, sim, ajudar a espalhar por aí um novo tipo de educação: a educação ambiental. A Sandra Lima explica:

TEC: Sonora

LOC: Ouviram crianças? Então não adianta ficar falando sobre meio ambiente, sem agir. Deixar a preguiça de lado, não é fácil, mas tentando um pouquinho todo dia, vocês chegam lá. A Isadora e seus colegas querem mudar.

TEC: Sonora

LOC: No fim dessa conversa, o Vitor, o Artur, a Isadora e a Anna Júlia criaram um grito de guerra pra proteger o meio ambiente. Curte só.

TEC: Sonora

TEC: Vinheta de encerramento

Programa: Fazer esporte pra que?

TEC: Vinheta de abertura

LOC: Olá, seja bem vindo a mais um Papo de Criança. O programa de hoje gira em torno de uma pergunta:

TEC: Vinheta “Pra que serve o esporte?”

LOC: Quatro alunos da Escola Classe 8 do Cruzeiro participaram de um bate-papo sobre esportes. Vamos conhecer essa turminha:

TEC: Sonora

LOC: A Vitória, a Angela, o Rafael e o Guilherme não são nada sedentários, todos são muito ativos.

TEC: Sonora

LOC: Junto com seus colegas, o Guilherme Henrique vai definir o que é esporte.

TEC: Sonora

LOC: Existem várias modalidades esportivas mesmo. As Olimpíadas de Londres em 2012, por exemplo, contaram com disputas em 29 modalidades. E ainda tem muitas outras que não entram nos jogos olímpicos. Há opção pra todo gosto e desgosto. A Vitória não curte muito futebol, enquanto o Rafael e o Guilherme são aficionados pelo jogo. E os dois meninos são contra a ginástica, a modalidade preferida da Vitória e da Angela.

TEC: Sonora

LOC: Você provavelmente não gosta de todo esporte. O importante é respeitar a opinião de quem pensa diferente, viu? E ainda bem que nem todo mundo tem o mesmo gosto! Isso é o que pensa o Luiz Cezar Santos, educador físico e PhD em movimento humano.

TEC: Sonora

LOC: Além do futebol, outro jogo com o qual a Vitória não se dá bem é o basquete:

TEC: Sonora

LOC: Hum, mas nesse caso, a Vitória passou a odiar o basquete por causa do resultado de uma competição. Perder é normal, mas não é normal ficar se gabando só porque ganhou uma partida. E, se alguém fizer isso com você, o melhor é não dar bola pros exibidos. Você não precisa parar de gostar de um esporte só porque foi mal nele, dá pra se esforçar mais. E esnoabar os coleguinhas que foram piores que você é coisa muito chata. É por isso que é preciso saber perder e também ganhar. Quem é que não gosta de ganhar? O Rafael adora a sensação do sucesso:

TEC: Sonora

LOC: Já o gosto de perder não é tão agradável assim.

TEC: Sonora

LOC: Não tem problema em não gostar de perder, Rafael, o problema começa quando a reação à derrota é violenta.

TEC: Sonora

LOC: A competição faz parte do esporte, mas não é pra pensar apenas em derrotar e humilhar os concorrentes. O professor Luiz Cezar Santos explica que o rival, seja na vitória, seja na derrota, é um companheiro.

TEC: Sonora

LOC: Luiz Cezar aconselha que a maior competição de um esportista seja contra si mesmo:

TEC: Sonora

LOC: Espera aí que o Papo de Criança volta daqui a pouco.

TEC: Vinheta de intervalo

LOC (Tiago): Você sabia que o basquete começou como uma brincadeira de escola? O jogo surgiu há 122 anos e, em vez das cestas de basquete que conhecemos hoje, os jogadores usaram cestas de colocar frutas penduradas numa sacada. A modalidade surgiu quando um professor de educação física dos Estados Unidos desafiou seus alunos a acertarem bolas de futebol dentro das cestas de fruta. Ninguém imaginou que a brincadeira iria virar um esporte, mas hoje o basquete é uma das modalidades mais populares do mundo. Você já pensou em criar um novo jogo esportivo? É possível, basta usar a criatividade.

TEC: Vinheta de intervalo

LOC: Este é o Papo de Criança e estamos aqui pra responder

TEC: “Fazer esporte pra que?”

LOC: A Angela, a Vitória, o Rafael e o Guilherme, quatro alunos da Escola Classe 8 do Cruzeiro estão ajudando a desvendar esta questão. Vamos entrar agora num assunto polêmico. Será que existem modalidades de esporte separadas pra homens e mulheres? Você já viu um homem no nado sincronizado? Já viu uma mulher jogando beisebol ou golfe? É, apesar de achar normal mulheres lutarem boxe, o Guilherme não acredita no potencial feminino para o skate.

TEC: Sonora

LOC: Já homem dançando balé, a Vitória, o Guilherme e o Rafael acham muito esquisito.

TEC: Sonora

LOC: Ei crianças, este papo tá furado. Esporte não tem nada a ver com opção sexual. Essa história de que certos esportes são pra meninas e outros pra meninos também não está com nada. Toda modalidade pode ter adeptos de qualquer sexo. Inclusive, existem competições femininas de skate e ótimas mulheres skatistas por aí. A Karen Jones de São Paulo, por exemplo, é considerada a melhor skatista do Brasil. O Luiz Cezar tem uma mensagem pro Guilherme:

TEC: Sonora

LOC: Depois de toda essa conversa, a gente ainda não descobriu pra que serve fazer esporte. Os meninos têm alguns chutes.

TEC: Sonora

LOC: Além de fazer super bem pra saúde e ser uma forma de se divertir, o esporte também traz ensinamentos valiosos pra vida em sociedade. O professor Luiz Cezar explica melhor:

TEC: Sonora

LOC: É por isso que o esporte tem que ser praticado durante a vida toda. Seja por lazer ou profissionalmente. O Guilherme quer deixar o esporte apenas como hobby e se tornar advogado, mas tem um trio aí que sonha em ser atleta. O Rafael quer ser jogador de futebol. A Angela e a Vitória pretendem ser ginastas. É preciso analisar bem pra saber se é isso que você deseja mesmo, porque a vida de atleta não é moleza, não. Na ginástica é preciso ter força flexibilidade e coragem, além de treinar muito. E no futebol, o sucesso depende das características físicas, de talento e de muita, muita dedicação, como conta o Luiz:

TEC: Sonora

LOC: O Luiz Cezar coordena um projeto que dá oficinas esportivas pra crianças no Centro Olímpico da Universidade de Brasília. Ele deixa um convite pras crianças passarem por lá qualquer dia desses, pra jogar bola, andar de skate ou praticar outra modalidade. Vários alunos da Escola Classe 407 Norte, por exemplo, já fazem esporte por lá, você também pode ir. Se quiser mais informações, pode entrar em contato pelo e-mail oficinasesportivas@gmail.com.

O Papo de Criança está chegando ao fim, e vamos terminar com um coro esportivo da Angela, do Guilherme, da Vitória e do Rafael. E atenção, viu? O importante não é ganhar, é competir:

TEC: Sonora

TEC: Vinheta de encerramento

Programa: Ler é legal

LOC: Olá, o Papo de Criança está começando, comigo, Ana Paula Lisboa. E hoje o programa viaja guiado pela pergunta:

TEC: Vinheta “Ler é legal?”

LOC: Antes de responder a essa questão, vamos voltar um pouco no tempo. Você já imaginou o mundo sem a leitura e a escrita? Durante muito tempo, ele foi assim, já que o ser humano só aprendeu a escrever há cerca de 5 mil anos. As histórias eram passadas de geração a geração. O problema é que boa parte se perdia. Ninguém conseguia se lembrar de tudo... As pinturas nas paredes das cavernas ajudavam os povos a se lembrar das coisas. E foi a partir dos desenhos que o homem conseguiu transformar ideias e sons em símbolos gráficos e visuais, como as letras. Foi o pontapé para a existência de documentos, poemas, contos e livros que temos hoje em dia. Agora que já sabem como surgiu a escrita, quatro alunos da Escola Classe 16 do Gama vão revelar como participam do mundo da leitura. Hora de conhecer essa turminha:

TEC: Sonora

LOC: Afinal de contas, a leitura serve pra quê? A Fernanda, o Wilson e a Débora dão o pitaco deles.

TEC: Sonora

LOC: Com a leitura dá pra aprender novos idiomas, saber como são outros países, além de descobrir como viviam as pessoas em diferentes épocas... Lucília Garcez é autora de livros infantis e mestre em literatura. Ela lista outras utilidades da arte de decifrar as palavras.

TEC: Sonora

LOC: O Ítalo aponta outra coisa que se aprende lendo:

TEC: Sonora

LOC: É verdade, quanto mais você lê, melhor você fala e escreve, porque você assimila as estruturas do português na prática, e não numa aula chata. De acordo com Lucília Garcez, a leitura também faz bem pra sua cabeça.

TEC: Sonora

LOC: E o ideal é que você leia todo dia, mesmo que seja só um pouquinho. O Ítalo, o Wilson, a Fernanda e a Débora aproveitam a biblioteca da escola pra pegar livros emprestados. É o meio mais fácil pra ler novas histórias sem gastar dinheiro. E na internet você encontra os mais variados livros, poemas e contos. E o que é que vocês leem meninos?

TEC: Sonora

LOC: O Ítalo não gosta muito de livros com “coisas de adultos”. Quero saber: livro tem que ser separado por idade ou pode ser tudo misturado? Quem responde é a professora Lucília.

TEC: Sonora

LOC: E por falar nessa diferença de idade, uma pesquisa mostrou que a criança brasileira, em geral, lê mais que os adultos. Vamos saber como está a leitura na casa da Fernanda, da Débora, do Wilson e do Ítalo.

TEC: Sonora

LOC: A Lucília explica que os adultos que não gostam de ler é que estão perdendo.

TEC: Sonora

LOC: Ei, fica aí, que a gente volta já já com mais Papo de Criança pra responder se “Ler é legal?”

TEC: Vinheta de intervalo**TEC: Sonora – Recado do Tino Freitas****TEC: Vinheta de intervalo**

LOC: O Papo de Criança voltou, junto com o Wilson, o Ítalo, a Débora e a Fernanda, quatro alunos da Escola Classe 16 do Gama, que vão ajudar a descobrir se “Ler é legal?” Bom, quem lê não fica só nos livros. A Débora desvenda tudo que está escrito nas placas das ruas. O Ítalo também.

TEC: Sonora

LOC: É uma maravilha entender tudo a sua volta, mas tem gente que não entende, tem gente que nunca aprendeu a ler ou escrever. A vida para os mais de 12 milhões de analfabetos que vivem no Brasil é difícil, pois eles não conseguem assinar documentos e precisam de ajuda até mesmo pra pegar o ônibus certo pra casa. Quem teve o privilégio de aprender a ler tem que dar valor a isso. Ei crianças, vocês se lembram de quando ainda não sabiam ler? A Débora se lembra.

TEC: Sonora

LOC: Hum, gibis são ótimos instrumentos pra quem está aprendendo a ler. Esse tipo de história ensina a entender a linguagem não verbal e a sacar as ideias. É por isso que vocês gostam tanto de gibis, crianças?

TEC: Sonora

TEC: Com o gibi e com o livro dá pra se sentir dentro da história. Só depende da sua imaginação. E imaginação é o forte do Ítalo, até sonhando. Tanto que ele quer publicar um livro com seus sonhos no futuro.

TEC: Sonora

LOC: E essa ideia tem futuro, Lucília?

TEC: Sonora

LOC: Pra ser criativo na hora de escrever, basta observar e se inspirar no cotidiano, nas pessoas, nas paisagens... Qualquer um pode escrever bem, mas é preciso ter persistência e treinar, com uma historinha, uma receita culinária ou até um relato dos seus dias.

Estes quatro meninos já tiveram diários pra desabafar, mas já desistiram. A única que continua a escrever é a Débora, só que ela enfrenta problemas pra manter a caderneta em segredo, porque tem uma irmã muito curiosa.

TEC: Sonora

LOC: A Lucília tem algumas dicas para a Débora:

TEC: Sonora

LOC: Outra opção é escrever um blog, que é um diário na internet.

Estamos chegando ao fim do nosso programa e se você ainda não se convenceu de que ler é legal, o problema pode estar no que você anda lendo. Pra gostar de ler, às vezes, depende só de achar o livro certo.

TEC: Sonora

LOC: Alcançar a última página de um livro é uma conquista e quando você lê muito, passa a ser algo tão fácil como respirar, só que muito mais interessante. O Ítalo, o Wilson, a Fernanda e a Débora concluíram que ler é, sim, legal e fizeram um coro pra homenagear o livro, que pra eles, é um amigo.

TEC: Sonora**TEC: Vinheta de encerramento**

Programa: Criança é gente?

TEC: Vinheta “Papo de Criança”

LOC: Olá, eu sou Ana Paula Lisboa e você está ouvindo o programa Papo de Criança.

Falar em criança, o bate-papo de hoje vai responder se:

TEC: Vinheta “Criança é gente?”

LOC: A criança é um ser humano em fase de desenvolvimento. E, por estar numa etapa de crescimento, é tratada de um jeito diferente do que os adultos. Mas é tratada de um jeito tão, mas tão diferente, que alguns garotos não sabem se criança é gente. Sobre isso, eu conversei com quatro alunos da Escola Classe da 413 Sul. Esse grupinho agora se apresenta:

TEC: Sonora

LOC: As diferenças entre gente grande e gente pequena estão incomodando esta turma.

TEC: Sonora

LOC: O Walysson odeia quando os mais velhos o ignoram.

TEC: Sonora

LOC: Por causa disso tudo, a Isabela não sabe bem se criança é gente.

TEC: Sonora

LOC: Calma, meninos. Tem gente grande que fala com criança de igual pra igual e tem adulto que luta pelos direitos das crianças, como a professora de serviço social Maria Lúcia Leal, uma estudiosa sobre a infância. A professora Maria Lúcia explica que as crianças são importantes sim. Existe até um estatuto pra garantir um bom tratamento a elas.

TEC: Sonora

LOC: O Estatuto da Criança e do Adolescente tem mais de 200 artigos que dão direitos iguais a todos os meninos e meninas, mas parece que este monte de artigos, às vezes, não funcionam na prática. Tanto que tem criança que acha que não tem valor, mas ninguém devia se sentir assim, porque gente pequena é tão ou mais importante que os adultos. Só falta você conhecer e cobrar seus direitos.

TEC: Sonora

LOC: Vamos saber que direitos das crianças a Tamara e a Isabela conhecem.

LOC: Sonora

LOC: Estes meninos também se lembraram da escola. Afinal, estudar é dever ou direito?

TEC: Sonora

LOC: A escola é uma mistura de privilégio e obrigação. É um direito das crianças ter acesso e um dever frequentar. Quem deve garantir isso é a família e o Estado. A Isabela sabe que precisa respeitar os professores, mas anda incomodada por não receber o mesmo tratamento.

TEC: Sonora

LOC: A Isabela está certa, a Maria Lúcia dá uma sugestão:

TEC: Sonora

LOC: Toda criança tem direito à educação de qualidade. Então, o Caleb e a Tamara se incomodam quando ouvem que a escola pública é pior que a particular.

TEC: Sonora

LOC: Toda escola pública deveria ser excelente, só que o Brasil precisa avançar mais pra atingir esse patamar de ensino. O Walysson acha que saúde pública de qualidade é um direito que não existe na vida real.

TEC: Sonora

LOC: A professora Maria Lúcia explica o que fazer quando os direitos só ficam no papel.

TEC: Sonora

LOC: Você não precisa saber de cor todos os direitos e deveres das crianças, mas dá pra enfiar na cabeça, pelo menos, os seus cinco direitos fundamentais. Em primeiro lugar, saúde. Depois, liberdade e respeito. O terceiro ponto é convivência com a família e com a comunidade. O quarto direito é educação, cultura, esporte e lazer. E por último, profissionalização. Só coisa boa. Espera 30 segundinhos que o Papo de Criança já volta.

TEC: Vinheta de intervalo

LOC (Tiago): Você sabia que na idade média as crianças eram consideradas adultos em miniatura? Todo ser humano era visto como uma coisa só, independente da idade. Meninos e meninas trabalhavam e não tinham tempo reservado pra brincar. Lá pelo século 13 depois de Cristo, é que os estudiosos sobre psicologia começaram a espalhar a ideia de que existe uma fase de desenvolvimento das pessoas. A vida é bem mais fácil pra maioria das crianças agora que a sociedade encara a infância como um período especial.

TEC: Vinheta de intervalo

LOC: O Papo de Criança está de volta e hoje contamos com a presença da Tamara, da Isabela, do Caleb e do Walysson que estudam na Escola Classe da 413 Sul. Junto com eles, vamos descobrir se...

TEC: Vinheta “Criança é gente”.

LOC: Nós já conhecemos os principais direitos das crianças e a Isabela ficou com uma dúvida. Vamos ver qual é.

TEC: Sonora

LOC: Isabela, não é assim que funciona não. Ninguém perde seus direitos porque não cumpriu seus deveres, mas não fazer as obrigações pode trazer consequências negativas para a pessoa. Então é importante ficar ligado. A Tamara e o Walysson estão preocupados com o sofrimento de outras crianças. Eles têm algumas perguntas sérias pra fazer.

TEC: Sonora

LOC: Estes são problemas sociais, que não mudam da noite pra o dia. A desigualdade social tem várias causas. Nem todo mundo consegue estudar e não existem bons empregos pra todos. Nestas condições, nem todos vivem bem. As famílias pobres sem um bom planejamento podem ficar tão carentes que não conseguem nem sustentar seus filhos. Assim, muitas crianças vão parar num orfanato ou na rua. Essas circunstâncias são injustas e vocês, crianças, já devem ter ouvido que são o futuro do país. São mesmo. O esforço de vocês define como será o Brasil do futuro e se esse cenário muda ou não. E se tem uma coisa que essa galerinha acha injusta é o bullying. A Isabela e o Walysson têm até algumas ideias mirabolantes pra acabar com esta agressão.

TEC: Sonora

LOC: Será que a ideia da Isabela ia adiantar? Pra começar que presidente da república não sai fazendo leis a torto e a direito e não pode exilar uma pessoa do país. A proposta do Walysson pode não dar muito certo, pois criança não pode ser presa. Então, punir bullying com prisão, nem pensar. Mas uma coisa boa é que aqui no DF, já existe uma lei que permite que qualquer pessoa denuncie casos de bullying. A Maria Lúcia dá dicas pra enfrentar este problema.

TEC: Sonora

LOC: Se você souber de qualquer tipo de violência contra crianças, você deve denunciar pelo telefone Disque Cem. Existem organizações feitas para proteger as crianças, como o Conselho Tutelar. Existe um em cada cidade satélite. Procure o da sua cidade para conhecer seus direitos ou para fazer uma denúncia. Se você ainda quer saber mais direitos das crianças, a mídia pode ajudar. A professora Maria Lúcia Leal deixa sua última mensagem para as crianças.

TEC: Sonora

LOC: Depois deste papo todo, confira o recado das crianças pra sociedade.

TEC: Sonora

TEC: Vinheta de encerramento

7.5 Entrevistas para conhecer o perfil das crianças

Observação: Os áudios das entrevistas realizadas na Escola Classe da 312 Norte e na Escola Classe 16 do Gama foram perdidos, mas o conteúdo foi aproveitado como base para a realização deste produto, assim como todas as outras.

Escola Classe da 413 Sul (30 de abril de 2013)



Alunos:

Debora Sena – 5º ano, 10 anos

Tamara Silva – 5º ano, 9 anos

Isabela Andrade – 5º ano, 10 anos

Caleb Sena – 5º ano, 10 anos

Mikael Victor Silva – 5º ano, 10 anos

Walysson Carlos Santos – 5º ano, 10 anos

Transcrição da entrevista:

Ana Paula: Quando vocês não estão na escola, o que vocês gostam de fazer?

Walysson: Jogar videogame, jogar futebol, andar de bicicleta...

Isabela: Jogar videogame

Caleb: Ver TV

Tamara: Computador e televisão e também brincar, sabe, na rua de queimada, de futebol...

Débora: Televisão, computador, brincar na rua também. Também brinco na rua de esportes bem legais, vôlei, pique-pega.

Isabela: Eu brinco embaixo do bloco.

Ana Paula: E vocês preferem brincar na rua ou em casa?

Walysson: Eu prefiro os dois.

Tamara: Eu prefiro em casa e também na casa de amigos.

Ana Paula: E quando vocês estão em casa, vocês brincam mais ou ficam mais em televisão, internet...?

Débora: Fico na televisão.

Walysson: Eu fico mais jogando videogame, assistindo TV e mexendo no computador. Brinco de carrinho também.

Mikael: Eu gosto de... Fico jogando no computador e videogame.

Caleb: Eu gosto de brincar.

Isabela: Eu gosto de TV.

Tamara: Eu gosto de assistir televisão e ficar brincando. É legal ficar brincando de guerra de balão, guerra de água.

Isabela: É, eu já brinquei na minha rua, só que em vez de ser balão d'água é garrafinha.

Ana Paula: O que vocês mais gostam de ver na televisão?

Débora: Eu gosto de Hora de Aventura no Cartoo Network, é bem legal, gosto muito deste programa. E Apenas um show também é bem legal.

Tamara: Eu gosto de assistir filme, filme de terror, de ação e gosto de assistir desenho. Os desenhos eu assisto na Globo, tipo, Turma da Mônica e TV Globinho e também assisto no SBT. E os filmes é pelo DVD mesmo, só que tem alguns que passam no SBT que são muito cabulosos.

Ana Paula: E a TV Globinho não acabou?

Tamara: É, mas tem sábado. Eu achei ruim ter acabado durante a semana, porque quando a gente fica de férias é muito ruim, não tem nada pra assistir. Mas no SBT continua, não saiu. Eu gosto também de novela, Guerra dos Sexos, que acabou de acabar, Malhação, Salve Jorge. Também gostava de Fina Estampa, era muito legal.

Isabela: Na Globo, eu gosto de ver TV Globinho. No SBT, tem às vezes que no final do desenho vem Monster High, aí é muito legal, eu fico sempre assistindo. Antes eu tinha TV a cabo, só que aí meu pai comprou a casa, era muito cara, aí ele tirou a TV a cabo. Então eu já conheço os canais da Sky, aí agora eu vejo um pouquinho quando eu vou na casa das minhas amigas. Ter TV a cabo faz muita diferença, porque quando passa aquelas coisas políticas é muito chato, dá vontade de desligar. E quando tem TV a cabo eu posso mudar e ir pra outros canais e fica muito legal.

Caleb: Eu gosto de ver TV Globinho, é... No SBT, Bom Dia e Companhia. Eu prefiro os Patati Patatá do que a Priscila e o Yudi, porque eles fazem muitas brincadeiras muito legais, né. Já Priscila e Yudi é só por telefone, você não pode ir lá ficar no programa junto com eles e se comunicar com eles. Não tinha criança no programa. Eu assisto, qual é o nome lá? Band, de tarde passa Futurama. Às vezes chego cedo em casa aí dá pra assistir um pouquinho. Também na TV Brasília eu assisto Vila Sésamo, às vezes, Escola pra cachorro.

Mikael: Eu assisto filme e desenho. Na Globo, TV Globinho. E na Band, eu assisto desenhos, TV Pirata. Mas é mais desenho.

Walysson: Ah eu gosto de ver Cartoon Network, DisneyXD, é... Nickelodeon, Boomerang e Fox, que passa "Sims". Ah, aí eu gosto de ver uma série, as séries lá de terror. The Walking Dead. E Megapix, Telecine, um monte de filme e os outros lá que tem lá. E só. E

quando lá em casa a antena não presta eu vou mexer no computador e assisto. Eu também gosto de assistir propaganda. Os melhores programas pra mim é Apenas um Show no Cartoon Network, e as séries que eu gosto, como The Walking Dead e Os Simpsons. Também eu gosto de filme de comédia quando passa na na na Megapix, eu assisto lá, aí quando eu vou mudar pra Globo eu assisto novela. Mas quando passa horário político, eu vou e vejo filme.

Ana Paula: Vocês acham que falta programação para criança na televisão? Devia ter mais?

Walysson: Devia ter mais. Porque lá passa mais é filme e mais coisa pra adulto. E fica mostrando aquelas coisas lá, mais de 14 anos, não é livre, aí só mostra... Tem Carton Network, DisneyXD, Boomerang e outros canais de desenho pra assistir que são pra criança. Mas só tem mais coisa de adulto lá, de adolescente.

Débora: Acho que devia ter mais sim, porque às vezes tem muito jornal essas coisas, é muito chato, aí demora muito tempo pra passar o programa que a gente quer.

Ana Paula: Como vocês usam a internet? Facebook, sites de jogos, o que vocês mais usam, o que vocês mais fazem?

Walysson: Eu uso mais Facebook e Youtube pra ouvir música e Facebook pra conversar mais e jogar jogo. No Facebook, uso bate-papo e compartilho coisa. Meu pai deixa, mas só, meu pai deixa eu mexer, mas quando é, quando tem coisa pra estudar, aí ele vai e fala pra mim estudar, se não... Aí ele vai e corta duas semanas.

Tamara: Eu eu gosto de jogar Minimundo, Stardoll, Rapixel, Habbo e gosto de mexer na... No Youtube que eu fiz dois vídeos com a minha amiga, em que a gente tá dançando a a a nova música lá da do daquele carinha japonês o Gangnam Style e a outra é um que o cabelo é mó grandão assim aí, é... Começa com um... Com um cara lá que tá, tá hipnotizado pela música, aí hum... Só tem dois que salvaram e os médicos. Aí os médicos pede pra colocar o fone de ouvido, aí depois eles fingem que tá todo hipnotizado, mas tá hipnotizado mesmo. Eu não sei o nome. As pessoas da sala viram meus vídeos. Eu não tenho Facebook, eu não gosto, eu não acho legal não, por causa que a gente pode ser rastreado e também, eh, pode chegar pessoas doidas assim querendo conversar com a gente. Meus pais deixa eu, só que eu não gosto não.

Isabela: Eu mexo muito, eu mexo no Facebook e mais no Youtube, muito mais no Youtube do que no Facebook. Eu vejo vídeo de The Sims, coisas, jogos, podemos dizer, vejo VenonExtreme, coisas, Minecraft, The Sims. São vídeos com dicas pra ir melhor nos jogos, é muito legal.

Débora: Eu também jogo Minecraft. A minha amiga tem um tablet, tem um Iphone, aí tem... Ela baixou. Aí eu fico jogando e a gente fica montando um monte de casinha.

Isabela: Ah e também gosto do Facebook, porque tem vezes que que que lá na sala não dá pra conversar porque é au... É hora de aula e fora de casa, na casa, na minha casa eu posso conversar com as minhas amigas coisas que eu não posso conversar dentro de sala. Aí é muito legal.

Caleb: Ah eu vou num site de jogos chamado Friv, lá tem 360, o que eu mais gosto é o Ben10 e o jogo de Bonde que você tem que atravessar entre uns uns ursos assim. E o Macaco Ninja que ele tem que ajudar a salvar os animais. Tem um site de jogos que eu também gosto, é outro que eu não lembro o nome. Aí eu jogo jogo de corrida de cavalo, é...

Mikael: Eu gosto de ficar mexendo no Facebook, falando com meus amigos e jogar no Friv. E dá pra jogar muitos jogos diferentes.

Walysson: Eles podiam abrir mais sites de jogos porque é muito ruim, aí às vezes não tem muitos, tem mui... tem muitos sites que não abrem. Também na TV a cabo, eles podiam lançar mais jogos assim e mais coisas de... pra nós. Mais jogos pra criança. No cinema eles também ficam lançando poucos filmes pra criança, eles lançam mais filmes que não pode

assistir, que precisa de autorização. Podia lançar mais filme pra nossa idade, assim é melhor.

Débora: Eu uso a internet, mexo no Facebook, também eu tenho um Ipad, eu mexe mais nele na internet porque pode baixar jogos, é mais jogos legais. Aí eu também é mexo no Club Penguin, que é outro site de jogos que a gente pode conversar com as pessoas. Gosto de mexer no Facebook pra conversar com meus amigos, compartilhar coisas que também tem lá.

Ana Paula: Vocês ouvem rádio?

Débora: Eu só ouço rádio pra ouvir música. É 88,3 e 106,3. Eu gosto de ouvir música pop, rock. Não gosto de sertanejo. Nem meu pai nem minha mãe escolhe, eu que escolho o que vou ouvir.

Tamara: Eu escuto, eu gosto de... Eu gosto da Jovem Pan, Rádio FM, Club, e a a 15, sabe? 15, não conhece? É que no meu celular é a 15, é muito legal. Aí. Eles colocam músicas inglesas e depois eles fazem, fazem as brincadeiras lá com...

Débora: Músicas americanas, né?

Tamara: Músicas em inglês.

Isabela: Eu escuto bastante rádio. Também tem, ai esqueci o que que eu ia falar. Mas eu ouço, eu ouço mais Club FM, essas coisas. Sertanejo é legal, mas eu escuto também Antena 1, que são as músicas antigas. Eu também gosto muito de músicas antigas. Tem algumas músicas que, que é legal. Antiga de... A época do Legião Urbana.

Caleb: Escuto mais ou menos assim, porque minha mãe tem um som na minha casa e às vezes eu assisto. Eu ligo ele e fico assistindo FM 104, essas músicas assim. Igual assisto mais ... Às vezes passa... Eu não lembro porque eu quase não escuto, mas é mais sertanejo.

Mikael: Eu escuto mais ou menos. É, eu escuto é FM, algumas outras assim. Meu pai não deixa eu ouvir o rádio porque é muita coisa de adulto e não é pra criança, ele não deixa.

Walysson: Eu eu escuto só pra ver aqueles anúncios lá, que vende videogame aí e coisa de TV, pra comprar né. Eu gosto de propaganda, é bom e mostra as coisas lá, também dá pra usar pra ver computador e dá pra ver o jeito mais barato, o jeito mais barato de comprar. Aí eu vejo, eu ouço a rádio FM enquanto eu tô arrumando a casa lá.

Ana Paula: Entre internet, rádio, TV, computador e tal, o que vocês preferem?

Coro de vozes: Internet.

Caleb e Walysson: TV.

Caleb: Mas eu prefiro mais TV.

Walysson: Eu também gosto mais de TV, a internet vai acaba lá em casa, aí só sobra a TV mesmo pra usar. Porque a internet é muito divagar, é rápido, mas é ruim demais.

Ana Paula: Vocês acham que os adultos dão importância e atenção para o que as crianças falam...

Coro de vozes: Não!

Ana Paula: ... Ou as crianças são deixadas de lado?

Coro de vozes: As crianças são deixadas de lado.

[Burburinho]

Tamara: Eles tipo ficam pensando que a gente tá falando besteira, que a gente não sabe o que que a gente tá falando tipo assim. Porque eu falo uma coisa pra minha mãe: “Não, mãe, não joga essa coisa no lixo não” aí ela “Não, Tamara, ó tanto de coisa que já tem aí”. Aí agora ela parou de jogar minhas coisas no lixo, porque a Patrícia, minha irmã mais velha, foi falar pra ela. Aí eu falei “Viu?”.

Walysson: Quando tem visita em casa, a gente não pode participar da conversa. Eles deixam a gente de lado. Aí eles ficam falando lá, aí a gente vai falar, entrar na conversa, aí eles falam “Sai, aqui é conversa de adulto!”. Aí manda a gente entrar pro quarto e ficar calado, calar a boca.

Tamara: Minha mãe fala bem assim “Tamara, não é pra se intrometer na conversa, se não você vai pro quarto”. Aí a Patrícia: “Vai logo, menina”.

Débora: A minha mãe falou bem assim, ela disse. Ah você, aí eu falo “Mãe, eu quero lancher”, que eu fico com fome lá. Aí ela fala “Minha filha, eu tô conversando, agora não, vai pro seu quarto”.

Isabela: Quando eu tenho uma ideia, eles não deixam eu falar, não dão bola.

Caleb: Minha mãe ela fala desse jeito assim... “Mãe, eu quero te falar uma coisa”. “Ah, agora eu tô sem tempo”. Aí desse jeito. Aí eu “por favor”. Aí ela fala é “Tá bom, tem que ser bem rapidinho que eu tô fazendo uma coisa”. Aí desse jeito né. Eu falo bem rapidinho, aí ela quase, já esquece assim.

Tamara: Quando eu vou lá dentro no ônibus, aí minha mãe tem uma amiga chamada Fátima, aí elas ficam conversando, aí quando eu vou falar, a Fátima “ihhhh, tá demorando mil anos pra falar”. Aí eu fico triste, fico emburrada e paro de falar.

Isabela: A mesma coisa do Caleb acontece comigo. Aí minha mãe tá cozinhando lá, aí ela fala “anda rápido, fala logo”. Aí ela nem presta atenção quando eu falo, porque eu acabo falando rápido demais, e ela fica “vamo, vamo, tô com pressa”.

Ana Paula: **Vocês acham que o adulto ia prestar mais atenção no que a criança fala, se ela estivesse na mídia? Num programa de rádio ou TV, numa matéria de jornal ou num site?**

Mikael: Ia prestar atenção mais na TV porque, ela tá falando em entrevista, porque em casa eles tão fazendo alguma coisa, importante.

Tamara: Ia prestar mais atenção lá na TV, na internet, no rádio, por causa que assim quando a gente fala assim, eles nem dão bola, mas quando aparece lá no jornal, assim, tipo, ah, é... O Walysson de 59 anos, não (risos)... de 8 anos ajudou um cachorro. Aí eles ficam assim “ohhhh, que legal, que bonitinho”. Dá mais importância.

Walysson: Quando tem jornal, os pais ficam falando, mas acho que não vai dar mais importância assim não. Porque vai falar uma coisa, aí não dá mais importância, acha que é besteira o que a gente fala. Mas agora quando alguém vai na escola, vai entrevistar, pedir entrevista assim, aí vai ficar prestando atenção, acha que é importante, aí fica chamando: “oh lá tá vendo, você tem que ser assim, assim”.

Ana Paula: **E se tivesse um novo site com conteúdo só pra criança e só com criança falando, vocês iam gostar de acessar?**

[Burburinho]

Caleb: A TV Brasil tem a TV Criança, aí entrevista as crianças falando que elas, né, são ignoradas, assim, que elas querem saber, que os pais saibam delas. Mas todo dia, de tarde passa isso.

Mikael: Porque tem muitas coisas pra adulto, mas tem poucas coisas pras criança, porque eles ligam mais de fazer coisa pra adulto, do que criança, do que pra criança. É por isso que eu gostaria que fizessem um novo site pras crianças.

Tamara: Eu gostaria sim, por causa que ah aí seria bem melhor pra gente por causa que, se tivesse também umas brincadeiras depois que entrevistasse as crianças, porque fica bem legal, porque só passa filme, assim de adulto pra maiores de 18 anos assim, novelas também assim que são exuberantes. E um monte de coisa assim que não é pra nossa idade.

Ana Paula: **Eu vou falar de alguns temas e gostaria de saber se vocês gostariam deles em um programa ou não. Só dizer sim ou não. Meio ambiente: vocês gostariam de ver crianças debatendo sobre meio ambiente?**

Coro de vozes: Sim!

Política?

Coro de vozes de todos: Não!

Tamara: Porque já fala de política no jornal, na TV, aí vai falar de novo? E já fala na propaganda política.

Débora: Fala isso pra adulto. Fala muito isso pra adulto aí vai ficar interrompendo o espaço das crianças?

Walysson: Política, pra mim, não tem nada a ver. Aí vai ficar falando de política, aí o governo cria. Não sei pra que política. Igual passa lá no Cartoon NetWork um cara lá mais duas crianças falando, manda entrevistar um cara lá, assim também é massa. Se fosse um canal que, é que fosse com várias crianças pra se divertir, que fosse aqui em Brasília, porque tem muito em São Paulo e Rio de Janeiro, aí seria legal

Caleb: Eu também acho porque quando termina o Jornal Brasília, tem criança que gosta de Carrossel, aí quem tá apresentando o jornal avisa no finalzinho “agora fica com o horário político”. Aí pra quem tem TV à antena mesmo, todos os canais estão com política aí a criança não gosta. Ela tem que tirar, por no DVD, tem que ficar mudando pra... Às vezes aí vê que já acabou, aí sempre termina mais tarde do que você quer ver. No mês passado, tinha um horário político, e eu tinha que ficar esperando pra ver Cory na Casa Branca.

Ana Paula: Vocês gostariam de um programa sobre esporte?

Coro de vozes: Sim!

Walysson: Seria legal se fosse mostrando crianças fazendo esportes, vários tipos de esporte, o que que o esporte faz pra saúde, pra melhorar o corpo.

Ana Paula: E leitura, livros?

Coro de vozes: Sim!

Tamara: Eu gosto, eu gosto, o que que a gente tava falando mesmo?

Ana Paula: Livros

Tamara: Ah tá. Eu gosto muito de ler livro lá na sala. Aí de vez em quando, quando eu pego um livro, a professor fica falando assim “Tamara, presta atenção aqui”. Aí eu “tá bom” e guardo o livro.

Ana Paula: Vocês gostariam de participar desses debates que eu vou fazer no futuro num programa?

Coro de vozes: Sim!

Escola Classe 8 do Cruzeiro (6 de maio de 2013)



Alunos:

Nataly Batista – 5º ano, 10 anos
 Vitória Rodrigues – 5º ano, 9 anos
 Angela Cristina Neto – 4º ano, 9 anos
 Jonathan Henrique dos Santos – 4º ano, 8 anos
 Rafael Oliveira da Silva – 4º ano, 9 anos
 Guilherme Henrique Oliveira – 5º ano, 10 anos

Transcrição da entrevista:

Ana Paula: O que vocês gostam de fazer quando não estão na escola?

Guilherme: Ver TV, jogar no computador, brincar ao ar livre, mexer no videogame e dormir.

Rafael: Eu gosto de estudar porque meu pai comprou um livro pra mim, estudar e assistir televisão e de jogar videogame. E assistir muito filme na internet, num site, que eu esqueci o nome, porque tá anotado num papelzinho, mas eu esqueço.

Jonathan: Eu gosto de mexer no computador, Facebook, jogar, jogar videogame.

Angela: Ver TV, brincar no ar livre, no parque e andar de patins.

Vitória: Ou eu leio meu livro, ou eu fico na internet ou na televisão. O livro é “O diário de uma garota nada popular”. Leio de vez em quando, quando tenho livros.

Nataly: Bom, eu não tenho muita coisa pra fazer em casa, porque minha casa tá em construção, então eu tenho que ficar cuidando dos meus dois irmãos gêmeos de quatro

anos, ficar assistindo TV, né, dormir, ficar assistindo TV, ficar, ah, assistindo filme a noite todinha porque não tem mais nada pra fazer, essas coisas assim, essas coisa assim. Eu gosto de cuidar dos meus irmãos, tenho que cuidar né, dá pra brincar com eles.

Ana Paula: O que vocês gostam de ver na TV?

Guilherme: É, Disney XD, 93. O que eu mais gosto? Deixa eu ver? Kik Butovsky. É muito doido. Canal de filme, tudo na TV a cabo. De vez em quando vejo novela e Carrossel assisto todo dia.

Rafael: Eu? Eu tenho TV a cabo e assisto desenho na Disney Júnior, é... Disney Channel e filmes. Vejo Phineas e Ferb, Ben 10 Força Alienígena e Bakugan. E filme e novela, Salve Jorge e Sangue Bom.

Jonathan: Eu assisto Nickelodeon, Carrossel, novela Carrossel e Salve Jorge também. Tenho TV a cabo, e vejo algumas vezes é... Pode passar pro outro?

Angela: Novela, Salve Jorge, Carrossel e Sangue Bom. Além de novela, desenho Monter High, Barbie. E só. Os desenhos são no SBT e as novelas são na Globo e no SBT.

Vitória: Eu gosto de ver Disney XD, é... Violeta na Disney Channel. Disney Júnior Arte e Ataque e novela, Sangue Bom e Salve Jorge, Carrossel não.

Nataly: Bom, eu gosto de assistir novela. As novelas que eu gosto mais de assistir é Salve Jorge, é... Carrossel. Sangue Bom nunca gostei, porque tá muito palha. É, Malhação não posso assistir também porque é no final da tarde, não dá tempo quando eu chego em casa já acabou.

Outros alunos: Pra mim dá tempo

Nataly: Quando tá no sábado... Bom, tem só uma televisão, aí chegou outra lá em casa e eu tenho que ficar assistindo Bob Esponja, essas coisas assim de criancinha pequenininha, né. Mas eu não gosto muito de assistir essas coisinhas não. Eu gosto de ver Barbie no SBT, às vezes na Globo. Bom dia e companhia, mas eu preferia quando era com Priscila e Yudi, com certeza, porque o Yudi é bonito e a Priscila é porque ela é mais animada. Acho esses palhaços chatos.

Vitória: São muito bobos!

Nataly: Bom, bom, os palhaços eu não gosto deles porque são bobos, como a Vitória falou.

Rafael: Eu gosto porque passa os desenhos e eles são muito engraçados. Não são melhores que Priscila e Yudi. Mas Priscila e Yudi não fazem nenhuma graça, mas os palhaços sim. Muitas piadas, brincadeiras como Tony e o Elada e o Manutenção.

Ana Paula: Como vocês usam a internet?

Guilherme: Eu uso muito internet. Mexo no Facebook, Youtube, Twitter, deixa eu ver o que mais...

Jonathan: Twitter é mó chato.

Guilherme: Ah, mas eu uso só de vez em quando. Eh, eu gosto de jogar alguns jogos, de corrida, luta, policial, ação. Minha mãe deixa, mas de vez em quando ela olha, mas ela deixa.

Rafael: Eh, eu gravo filme no pendrive e assisto na televisão. E de vez em quando, eu assisto o filme lá quando tem tempo, e mexo no Facebook.

Jonathan: Eu mexo no Facebook, eu mexo no Faceboook, jogo jogos, é igual ele [aponta para Guilherme].

Guilherme: É só que eu mexo no Twitter

Jonathan: E eu acho muito chato. Não sei porque eu não gosto. Só sei que tem um espacinho pra escrever uma coisa, não tem foto. E no Facebook eu gosto de compartilhar.

Angela: Jogar Friv e mexer no Facebook. No Facebook, falo com minhas amigas, da escola e de outros lugares e ponho fotos.

Vitória: Mexo bastante na internet. Eu gosto de mexer no Stardoll, que é tipo Facebook, mas só que tem um jogo de vestir, com vários jogos dentro. E o Friv e Youtube, pra ouvir música, música pop, tipo One Direction.

Nataly: Bom, eu não tenho internet em casa, então eu tenho que ficar mexendo na lanhouse, nos vizinhos, essas coisas assim. Aí eu faço pesquisa da escola, fico jogando, coisas assim, fico fazendo coisas da escola, é, ficar mexendo no computador, essas coisas assim. Eu não tenho Facebook, eu não tenho nem computador. [Outros alunos riem] Eu não tenho mesada, então, eu tenho que facilitar, tenho que economizar pra ir na lanhouse.

Ana Paula: Vocês escutam rádio?

Guilherme: É eu gosto da Mix, da Jovem Pan, da... da Atividade FM. Eu gosto de ouvir música, sei lá, internacional, pop, rock, funk e só.

Rafael: É, na Rádio FM eu gosto de ouvir notícia e ouvir música. Notícia na rádio FM, não sei o nome. Gosto de ouvir noticiário, porque é importante, por... Saber o que causa acidente, essas coisas assim.

Jonathan: Não escuto rádio, não assisto não, não gosto.

Angela: Não escuto, nunca escutei, porque é chato, fica travando lá às vezes, lá em casa o sinal é ruim.

Vitória: Escuto Jovem Pan, ouço música pop.

Nataly: Só escuto na roça, porque quando é aí, minha vó tá lá e lá não tem televisão e eu tenho que ficar ouvindo rádio né. Lá não tem energia, tem que ficar ouvindo rádio. É roça, é roça mesmo lá na Bahia, lá visito vó, bisavó, primos. A rádio não é boa, é meio chato, só fica passando música, notícia, que eu já vejo todo dia.

Ana Paula: Os adultos prestam atenção no que vocês falam, de verdade?

Nataly: Os adultos, peraí, então, os adultos não ouvem muito o que que a gente fala. Porque na hora que eu quero conversar com minha mãe, ela já tá conversando com outra pessoa. Se eu caí, se eu caí ela ela finge que não escuta. Na hora que eu falo “ahhhh”. Não, na hora que eu fico chamando ela, aí então eu... Ela já arruma uma pessoa pra conversar quando acontece uma coisa assim. E quando tem visita, eu fico escondida [risos dos colegas], de vez em quando.

Vitória: Às vezes eles presta atenção, e às vezes não. Quando tem visita tem vezes que eu posso conversar e tem vezes que não. Mais ou menos. Às vezes eles falam que a gente fala bobagem e nem sempre é bobagem.

Rafael: É, meu pai e minha mãe é pres... Prestam atenção ni mim. Quando eu, quando meu pai vai me pegar lá na escola, eu falo com ele, eu converso com ele, ele presta atenção, mesmo assim se ele tiver no celular, ele presta. Mas só que quando ele tá lá em casa, minha mãe não para de conversar, só fica lá. Quando eu peço alguma coisa pro meu pai, meu pai fica mandando eu calar a boca. Por causa que minha mãe só conversa do trabalho, do trabalho, do trabalho, trabalho, trabalho. É assim.

Guilherme: É, mais ou menos, porque de vez em quando eu vou conversar alguma coisa com eles, eles acham que [exalta a voz] não é real, que é bobagem! E eu digo que é verdade, mas eles só acreditam vendo. Eles fazem isso porque a gente é menor e pequeno e eles só acreditam neles. Isso acontece porque eles são superiores, a gente tem que respeitar eles toda hora, tal, tal, então...

Nataly: Isso é falta de educação! [risos do grupo] Eles nem prestam atenção na gente, isso é falta de educação.

Ana Paula: Se uma criança aparecer na mídia, o adulto vai prestar mais atenção naquela criança?

Coro de alunos: Sim!

Nataly: Sim, porque ela vai ficar famosa e vai ganhar dinheiro, muitas coisas. Bom, eu já apareci só uma vezinha no jornal, no Correio Braziliense, porque eu fui lá visitar, mas não

foi nada de bom. Porque criança é mais fácil de entender. Bom... Os adultos. Os adultos falam que a gente fala bobagem, e eu penso o mesmo deles. E às vezes eles falam uma coisa que a gente não entende e a gente fala umas coisas que eles não entendem. Então a gente também pensa que é bobagem. Hum, é, é isso.

Vitória: Sim. Não sei explicar.

Guilherme: Eu sei explicar. Porque todo mundo acredita mais na imprensa do que na gente assim. Porque, como eu já disse, eles acham... Eles se acham superiores à gente, então, se a gente entra no jornal e fala algum assunto importante, eles... Eu acho que eles vão achar, assim, muito importante porque a imprensa é muito importante pra todo mundo. Então, se uma criança fala um assunto, que, falando ela mesma, ninguém acha que é verdade, na imprensa, eu acho que todo mundo vai prestar mais atenção. Essa é minha opinião.

Rafael: É, meu sonho foi sempre aparecer na televisão, mas só que eu acho que meu pai, minha mãe pres... Presta muita atenção no jornal, por causa que assim que eles falam pra mim que não gostam de jornal, mas sempre quando eu tô assistindo alguma coisa na televisão, eles ficam mandando colocar no jornal, porque eles gostam do jornal

Ana Paula: **Se tivesse um programa com várias crianças vocês iriam se sentir representados? Ia ajudar a passar o que as crianças pensam?**

Rafael: É, eu acho uma boa oportunidade porque as crianças vão... Eu acho que vão falar coisas sérias. Tipo, que os pais não quer ouvir, que tem gente matando muitas pessoas, que tem gente que não ouve, que nem aquela propaganda na televisão com três leão que fala “não escuto, não ouvo e não vejo”.

Vitória: Não é leão, é macaco.

Nataly: Qual que é a pergunta mesmo?

Ana Paula: **Se vocês iam se sentir representados se existisse um programa de rádio de bate-papo com crianças.**

Nataly: Ah, pros adultos ia ser bom, porque seria uma boa lição pra eles. Porque eles ficam falando que a gente só fala bobagem, essas coisas assim. Seria uma boa lição pra eles prestar atenção na gente, que eles observassem a gente veriam que a gente não fala tanta bobagem assim, a gente só fala bobagem quando a gente quer. Se for uma coisa interessante, eu gostaria de assistir. Se fosse uma coisa que todo mundo já sabe num, num, num dá não. Tem que ter novidade.

Ana Paula: **Vocês sentem falta de mais conteúdo pra criança na TV, na internet e no rádio?**

Guilherme: Sim, porque normalmente tem mais coisa pra adulto, então, devia ter mais coisa pra criança sim, porque a gente merece muito respeito.

Vitória: Sim, mas eu não sei explicar muito bem. Tinha que ter mais opção

Rafael: Tem que ter mais programa pra criança, porque só tem no domingo e na semana só tem uns programas lá, desenho. Mas se colocar mais tipo assim de noite por aí, vai ficar melhor porque as crianças podem assistir. Mas só que tem esses programas, aí os adultos só vai ficar assistindo jornal, jornal e jornal, e nós tem que assistir, é por isso.

Angela: Se tivesse um programa, eu não ia gostar de ir lá, não ia querer falar.

Nataly: Eu ia gostar.

Rafael: Eu também ia gostar, porque meu sonho é aparecer na televisão, quero ser um popstar.

Guilherme: Eu também.

Rafael: Mais ainda agora eu tô jogando futebol na escolinha do São Paulo.

Ana Paula: **Eu queria saber se vocês gostam ou não de falar sobre certos temas. Tá? Pra começar, esporte?**

Vitória: Não, porque eu não gosto de esporte. Ah, só de ginástica e natação.

Guilherme: Uai você falou que não gosta de esporte!

Vitória: Depende do esporte. Não gosto de futebol, basquete, vôlei. De todos que tem bola menos tênis. Mas gosto de ginástica, natação e tênis.

Nataly: Eu gostaria, eu gosto de todos os esportes, menos só um... Futebol!

Rafael: O esporte que eu queria que tivesse, já tem que é o futebol, vôlei, basquete, tênis e ginástica. Eu gosto muito desses programa.

Guilherme: Bom, eu gostaria que tivesse todos os esportes, menos um... Ginástica. Ginástica é feio, muito feio, é irritante. Eu gosto de esporte que tenha bola.

Rafael: Eu também não gosto de ginástica e nem de patinação no gelo.

Nataly: É legal.

Guilherme: É legal, é legal.

Ana Paula: Meio ambiente?

Angela: Não! É chato, porque tem que ficar cuidando do meio ambiente. É chato falar sobre isso.

Rafael: Eu ia achar legal! É por causa que se os carros continuar assim... Eu queria que não tivesse fumaça nos carros. Polui o ar e também pode causar queimadas, queimadas, tipo assim, se um carro tombar, aí vai pegar fogo, aí vai pro, aí vai poluir o ar com mais fumaça ainda. E também quan... E também não pode poluir, tipo assim jogar lixo no mar porque vai matar os peixes. E também tem animais na floresta, é por isso que não pode poluir,

Ana Paula: Política?

Coro de vozes: Não! Horrível, horrível!

Guilherme: Horrível! Porque todo político é corrupto. Todos. Não existe nenhum político no mundo que não seja corrupto.

Nataly: Existe sim.

Guilherme: Qual? Eu vi isso na televisão!

Nataly: Existe um que não é corrupto, um que é muito bonito e eu gosto muito dele. [coro de vozes "ahhh"]. Cristiano Araújo.

Vitória: Quem é esse?

Nataly: Ah, não sei, só sei que ele vai lá, vai lá na casa do meu vizinho, que ele é prefeito lá da rua, na Estrutural, uma coisa assim.

Ana Paula: Direitos e deveres das crianças?

Guilherme: Direitos e deveres. Mais ou menos, porque quando a gente sai de casa, a gente não gosta de fazer dever de casa.

Ana Paula: Não, não é isso. É o que que as crianças tem direito: a brincar, a ser livre, a ter educação, a ser ouvidas. E tem também os deveres, obrigações, assim como os adultos.

Guilherme: Humm. Tem uma parte legal e uma parte meio chatinha. A parte legal são os direitos e o chato são os deveres.

Ana Paula: Sobre que temas vocês gostariam de falar? Qualquer um.

Guilherme: A vida assim normal, os acontecimentos que acontecem assim normalmente.

Rafael: Eu gosto de polêmica, tipo notícia de jornal.

Nataly: De gente famosa?

Rafael: É porque passa muita coisa importante, de traficante, que trafica pessoas, acidentes, hospital que não tem médico pra atender, essas coisas assim.

Jonathan: De estudo.

Angela: Nada.

Vitória: Ginástica rítmica. Mais filmes, Disney.

Nataly: Eu gosto de assistir no jornal só negócio de polêmica dos famosos, porque aí fica muito quente, muito legal. Curiosidades sobre animais, curiosidades é bom.

Rafael: Eu adoro

Guilherme: Bom eu gosto das novidades assim, um acontecimento que é inédito assim, aí publica. Hum, é, um site, assim sei lá pra mostrar pra todo mundo um extraterrestre, uma nova doença, uma nova cura, qualquer novidade.

Vitória: Eu gostaria de ver no jornal aquele caso que passou, aquele caso Roosevelt que passou uns ETs de verdade lá, no, nos Estados Unidos

Guilherme: Eu conheço, eu que falei lá esse caso. Bom é que acho que foi em 1885 que, que aconteceu, acho que caiu um meteoro na terra que... Não, eu não sei direito. Aí parecia que tinha uma nave espacial lá, mas o governo e o FBI disseram que era um balão de ar quente pra não divulgar assim. Mas, é, tem testemunhas, que algumas pessoas viram corpos, é, vaporizados assim, totalmente. E também o FBI que acho que foi confidencial que eles tem, eles pegaram o corpo de um ET.

Vitória: Eu sei desse caso, eu li na internet. Foi... O caso Roosevelt é um tipo de espaçonave que caiu lá nos Estados Unidos que tinha dois ETs dentro e ela explodiu. Um ficou vivo por algum por alguns dias. Outro já era. O outro já tava morto. A professora que contou, que quando ela era pequena ela ouviu falar desse caso.

Entrevista com Vera Lúcia Ribeiro, diretora da Escola Classe 413 Sul

Ana Paula: Vera, eu gostaria que você dissesse como a escola usa meios de comunicação social, como televisão, filmes e internet. Os professores costumam usar meios de comunicação social nas aulas?

Vera: Costumam usar dentro do projeto, porque a gente trabalha com pedagogia de projeto. Então, sempre que tem algo relacionado a esse recurso, eles utilizam, né. Assim, passar filme por passar, a gente não trabalha, né. Os filmes são sempre contextualizados a alguma coisa que as crianças estão trabalhando em sala, né. Tanto filme quanto todos os recursos, o data show, todos os recursos tecnológicos são usados dentro das propostas dos projetos.

Ana Paula: E quando se usa, cada professor escolhe, a secretaria de educação indica algum tipo de material ou é mais de cada professor mesmo?

Vera: Os professores têm a liberdade de procurar. Há um catálogo da Secretaria de filmes, da videoteca da Secretaria que fica ali no SIA e tem algumas indicações que a coordenação é que passa, né. Não tem diretamente da Secretaria, é de acordo com o tema, a coordenação propões alguma coisa.

Ana Paula: A escola tem sala de informática? Os alunos usam? Como funciona?

Vera: A escola tem sala de informática. Atualmente estamos sem o professor de informática, que nós até temos, mas tá de licença médica. E as crianças estão usando... Só as turmas que os professores dominam Linux, porque a linguagem é diferente da linguagem que a gente usa em computador caseiro, né, de uso pessoal.

Ana Paula: E quando o professor de informática está na escola, o uso é diferenciado? Tem uma frequência definida de quando os alunos vão para a sala de informática?

Vera: Bom, as crianças têm o horário delas na sala de informática, que são duas horas semanais que eles utilizam. A professora ela é formada em informática educacional, é pós-graduada. O trabalho dela também é dentro dos projetos, de acordo com o que o professor está desenvolvendo, ela desenvolve no laboratório com as crianças.

Ana Paula: Existe algum trabalho ou alguma parte das aulas em que os alunos vejam notícias de jornais ou revistas?

Vera: Tem, sim, né. Na aula de informática eles entram nos sites principalmente porque é uma parte de pesquisa também que utiliza esse recurso. E na sala de aula eles trabalham... Como nós somos escola integral, nós temos uma parte diversificada de educomunicação onde entra recurso de todo tipo de material voltado ao letramento... Seria o jornal, a revista... E aí eles também tão montando a rádio escolar, eles têm o jornalzinho da escola. Então eles têm esses contatos. Só que no momento... A gente estava produzindo o jornal, agora, no segundo bimestre, a gente vai começar com eles produzindo também, formando grupos pra produção do jornalzinho da escola.

Ana Paula: **Eu queria saber como a escola trabalha alguns temas, se é por meio de matérias específicas ou se é alguma coisa transversal. Os temas são cidadania, meio ambiente, política, inclusão social e racial, questão de bullying... Estes temas são tratados na escola?**

Vera: São tratados na escola, mas todos dentro do projeto. Por exemplo, este bimestre tivemos o projeto do “Eu e o Outro”, né. Aí já trata todas essa questão do respeito, valores, a formação do cidadão, porque a questão do meu direito que acaba quando inicia o do outro, né... E agora nós vamos passar pra parte do projeto “Compartilhando com o mundo”. Então, aí vai entrar mais as questões sociais de maiores complexidade, que são os... Os temas transversais assim que envolvem a sociedade.

Ana Paula: **Vera você considera que a mídia poderia ajudar a escola a transmitir e trabalhar alguns temas aos alunos?**

Vera: Olha, eu acho que a questão da violência nas escolas, a mídia pode ajudar com com matérias e programas mais voltados a não a mostrar a violência, mas trabalhar o outro lado: o lado da convivência pacífica e tudo. Porque eu acho que quanto mais a mídia passa coisas de violência, mais reforça esse comportamento na sociedade. Acho que inverter o tratamento já seria um bom sinal. E eu creio que a mídia pode reforçar também a importância do estudo, pra que serve, porque que eu estudo, né. Porque hoje o aluno vê assim ah, mas eu vou estudar pra que? Tá tudo muito associado a dinheiro, quer dizer, se eu for jogador de futebol, eu vou ganhar bem, mas até que ponto eu chego a ser este jogador de ponta? Então, assim, a formação é necessária pra vida como um todo e não apenas pra você ganhar ou não dinheiro.

Ana Paula: **Qual é o perfil dos alunos da escola?**

Vera: Esse ano nós temos uma média de 20% de alunos da comunidade, são aqui da quadra ou de quadras próximas. O restante vem de vários bairros do DF, regiões administrativas e Entorno. Principalmente São Sebastião e cidades do Entorno.

Ana Paula: **Por que a escola atrai alunos de outras regiões?**

Vera: Bom, aqui o principal fator sempre foi o integral, a criança fica o dia todo. Então, pros pais já têm a necessidade de ter onde deixar a criança, né. Mas hoje eles também alegam pelo diferencial, a escola é menor do que escolas nessas regiões, né. A gente tem menos falta de professor, mais opções formativas, acho que vai por esse caminho.

Ana Paula: **Voltando a questão do uso dos meios de comunicação. Por exemplo, quando surge um novo canal ou um novo programa, um site educativo pra criança, a escola é receptiva pra receber este novo tipo de material. Por exemplo, um novo programa de uma rádio que é feito pra criança, há uma receptividade pra este tipo de material que é novo ou tem que testar antes pra ver como é que é?**

Vera: A gente é um grupo que tem muita abertura em questão dos novos recursos, né. É... Às vezes nem sempre dá pra gente usar justamente por causa dos projetos, a gente pesquisa aquilo que tá dentro do que as turmas estão desenvolvendo nos projetos. E essas, essas propostas inovadoras sempre depois a gente faz avaliação, a coordenação avalia se é propício ou não. Aí passa pros professores como sugestão, como uma ideia pra trabalho, junto às crianças.

Ana Paula: Você quer acrescentar algo que eu não perguntei?

Vera: Quero acrescentar que eu acho que a faculdade, a universidade ela pode ajudar muito ainda a escola, principalmente a escola pública que é carente de profissionais nessa área, principalmente de tecnologia, tá. Às vezes, a gente... Aqui mesmo, nós estamos tentando pessoas que façam trabalhos na área de educomunicação, essas coisas. E eu acho que é importantíssimo, porque é lamentável você deixar um laboratório de informática fechado, sabe? E às vezes nem é só o recurso tecnológico, é o recurso de estar muito próximo, como você falou... Hoje nós não temos mais assinatura do jornal, que eu acho que é uma coisa que faz falta. Aí a escola pode arcar, pode arcar? Pode, mas não é o ideal. O ideal é que se mantivesse como política pública e fosse se ampliando. Porque no sistema público nem sempre dá pra ser só a gente só a gente, né, como unidade. Tem que ser sistema mesmo. Então, é mais isso.

Entrevista com Luciana Araújo, diretora da Escola Classe 08 do Cruzeiro

Ana Paula: Diretora, eu gostaria de saber como que a escola trabalha temas de cidadania. É um tema transversal em várias matérias? Tem projetos? Como que é trabalhado isso?

Luciana: Na verdade a cidadania está dentro do nosso projeto maior que é o projeto político pedagógico né. Então a gente engloba todas as questões de saúde, de alimentação, de respeito ao próximo, de direitos e deveres né, mas isso contextualizado com as atividades todas da escola. Então não tem um momento específico que a gente trabalha cidadania. Tem, em maio um período que a gente trabalha “Educação pra vida”, é uma semana toda que a gente trabalha vários temas né: questão de saúde, questão de trânsito, questão de acidentes domésticos, mas aí é um momento específico já previsto no calendário. Mas, de modo geral, é tudo envolvido no nosso projeto já, à medida que as coisas vão acontecendo.

Ana Paula: Qual é o perfil dos alunos da escola?

Luciana: Nós temos, em média, uns 40% dos alunos que são da Estrutural. Eles já eram da escola né. Já há vários anos. Então a escola sempre atendeu esses alunos da Estrutural, independente de ser integral ou não. E os outros... Tem uma parcela pequena de alunos que mora aqui próximo no Cruzeiro ou mesmo na Octogonal. E a outra parcela é de filhos de trabalhadores aqui da região. Então empregada doméstica vem, trabalha aqui próximo e traz o seu filho pra estudar aqui. E esse ano, com a implementação do integral de 10 horas, aí a demanda foi muito maior, a procura foi muito maior agora, porque os pais, tendo a necessidade de deixar o filho na escola, eles procuraram com mais frequência a escola esse ano.

Ana Paula: Luciana eu queria saber como que a escola usa meios de comunicação social, assim, se os professores usam filmes, programas de TV na sala de aula, se tem aula de informática? Como que é esse uso aqui na escola?

Luciana: Nós temos um laboratório de informática, mas o professor vai iniciar as atividades hoje, porque ele foi contratado pela secretaria, mas ele estava preparando o laboratório, mas aí ele vai começar a trabalhar de acordo com as atividades que o professor está passando em sala, então, por exemplo, a professora tá trabalhando figuras geométricas em sala de aula, ele vai reforçar o conteúdo no laboratório, fazendo esse planejamento em conjunto. É... A gente tem a sala de vídeo né, com projetor multimídia e aí as professoras sempre passam algum programa que seja de complementação da atividade que ela está

fazendo em sala ou pra recreação, então, às vezes, sexta-feira a professora dá um filme ou uma coisa assim e algumas professoras trabalham notícia de jornal na segunda-feira, então as crianças trazem alguma notícia e eles fazem um painel e aí discutem aquelas notícias que são mais corriqueiras, né, e que tá na mídia e fora que, quando a criança traz alguma demanda também, por exemplo: ele comenta do Rebelde, ele comenta do Carrossel, uma coisa que tá mais frequente, os professores sempre dão uma pincelada ali até pra ver o que as crianças estão assistindo e estão vendo por aí.

Ana Paula: Então a escolha parte de cada professor de acordo com o projeto de aula dele sozinho individualmente?

Luciana: É. Individual.

Ana Paula: E as aulas de informática já existiam na escola e estavam paradas ou elas vão começar hoje realmente?

Luciana: Já existia no ano passado só que a gente não tinha essa interação com os professores, então os alunos iam pra lá e eles jogavam alguma coisa, então era um momento mais lúdico para a criança, então é a partir desse ano que a gente vai partir pra questão pedagógica mesmo. Porque no ano passado nós tínhamos só um monitor, né, bolsista que vinha, então ele não tinha esse compromisso de fazer a questão pedagógica. Agora como é professor mesmo, concursado pela secretaria, então ele tem toda uma bagagem pedagógica pra poder aplicar nas atividades do laboratório.

Ana Paula: Luciana, a Secretaria de Educação indica algum material de mídia? Algum livro ou filme pra auxiliar as aulas ou é o professor que tem que buscar sozinho?

Luciana: Não. A secretaria não indica, ela disponibiliza algum material, tem uma videoteca central, então eles disponibilizam o material que o professor quiser buscar, mas normalmente isso parte do professor mesmo. Ele mesmo procura algum material na internet, ele mesmo ouve falar de algum filme ou de alguma atividade que possa ser complementar, né. E o MEC também envia, ou enviou pelo menos no passado, alguns vídeos da TV Escola, mas como é um conteúdo mais antigo, os DVDs mesmos são mais antigos, o professor quase não usa. Então ele recorre muito à internet ou a algum colega que tenha algum material que ele possa utilizar.

Ana Paula: E quando o professor usa esses materiais de mídia extra, a recepção das crianças é boa? Faz diferença?

Luciana: Com certeza, porque a criança está visualizando, né, não está apenas no livro, tem movimento e toda a questão da coisa acontecendo mesmo, né. É diferente de quando ele vê o conteúdo no livro, no quadro, tem toda uma dinâmica diferente até de ele captar aquilo que está sendo ensinado.

Ana Paula: Luciana, e quando surge, por exemplo, um novo site, um novo programa de rádio voltado para a criança que seja educativo, os professores e a escola são abertos a esse tipo de material? Ou eles têm que testar antes?

Luciana: É. De modo geral, os professores trabalham com aquilo que eles conhecem, né. Então assim, eu não tenho notícia de que eles trabalham com rádio, eu nunca ouvi falar de professor que trabalhasse com rádio e as novas mídias são mais difíceis de entrar. Por que o professor não conhece, então ele continua trabalhando com o Sítio do Pica-pau Amarelo, continua trabalhando com aquelas coisas mais que ele tem domínio do que as coisas novas que aparecem, então muito dificilmente ele adere a outros meios, então assim, eu acho que ele acaba ficando mais confortável usando aquilo que ele já conhece do que tendo que buscar alguma novidade.

Ana Paula: Tem uma coisa só que eu esqueci de perguntar: Eu queria saber se você considera que já que a escola não consegue passar tudo, a mídia poderia ajudar a passar algum tipo de conteúdo para as crianças, algum conteúdo que seja pouco

abordado na escola ou mesmo que não haja tempo de abordar? Você teria algum tema em mente que a mídia poderia ajudar?

Luciana: Eu acho que a gente vê, em alguns programas educativos, eles tentando passar alguns temas recorrentes, né, ou mesmo nas novelas. Por exemplo, eu acho que a questão da pedofilia, a questão do abuso infantil, ele tem que ser muito mais abordado e muito mais claro porque ficam em citações muito pequenas, então, no caso dos nossos alunos daqui, como eles passam 10 horas por dia na escola, eles dificilmente chegam em casa e vão assistir alguma coisa que seja voltada pra eles, então eles vão assistir temas de conteúdo adulto e, mesmo assim, o conteúdo educativo não está muito recorrente na TV comercial, por exemplo, então são coisas mais de madrugada, de manhãzinha cedo, então talvez eles pudessem incluir esses... Abordar esses temas de forma melhor.

Ana Paula: **Tem alguns conteúdos voltados pra criança na TV aberta, mas é mais desenho mesmo. Se tivesse um programa que fosse tratar mais de temas educativos, teria algum tema que você acha que eles poderiam ajudar? Porque pedofilia é meio difícil trabalhar num programa infantil, mas teria algum tema que no programa infantil eles pudessem abordar? Alguma situação de vivência na escola que possa melhorar?**

Luciana: Eu acho que a questão ambiental, de educação ambiental, de reciclagem, de respeito ao próximo, que isso independe de idade. Entre eles mesmos eles têm muito a questão do desrespeito ao idoso. Eu acho que esses temas poderiam ser melhor trabalhados e enfatizados, então a gente vê muito desrespeito acontecendo na televisão e isso acaba reforçando uma tendência que já é natural do ser humano. A questão da cidadania mesmo, a questão de “seus direitos” como criança o que que ela tem direito, o que que ela deve fazer o que que a família deve fazer enquanto responsável pela criança. Acho que esses temas poderiam ser abordados

7.6 Teste de acesso ao blog

Teste de acesso ao blog realizado no Centro de Ensino Fundamental 4 de Brasília em 20 de junho de 2013.



Alunos:

Júlia Ramos – 7º ano, 11 anos

Sávio Bispo – 7º ano, 12 anos

Transcrição da entrevista

Conversa com Júlia e Sávio juntos

Ana Paula: O que vocês leram lá no site?

Sávio: Eu li várias coisas. Eu li aquele reclame que é quando você tá brigado com o pai ou alguma coisa do tipo, li que você ia colocar uma sugestão de melhora lá em baixo pra você ver se melhorava. Tinha também aquele início que falava o que era e também tinha uma foto sua que falava quem foi que fez e também tinha várias outras coisas.

Ana Paula: Tem uma reportagem que vocês olharam. Coloca lá no site pra gente. Tá vendo aí “Marcha das crianças”. Você leu isso?

Sávio: Ah eu li que agora parece que vai ter uma marcha das crianças, parece que vai ser dia 30.

Ana Paula: E aí vocês entenderam o que é?

Sávio: Entendi, eles vão fazer um cartaz em casa dizendo com “o que você quer que mude?”.

Júlia: O que você quer que mude?

Sávio: Vão chegar lá e vão protestar, não é bem um protesto, é como se fosse uma marcha, aí depois eles vão se reunir lá no parque da cidade e fazer um lanche, alguma coisa assim.

Ana Paula: E vocês teriam ânimo pra ir em alguma coisa dessas?

Sávio: Eu teria ânimo.

Júlia: Eu também, ia falar tanta coisa.

Sávio: Eu acho que pra isso eu ia, até minha mãe ia ter coragem de me levar, porque o de adultos ela não tem.

Júlia: Porque nas outras tá tendo muita briga e tudo. Inclusive na estação central. Teve muita confusão, porque minha mãe trabalha no metrô, minha mãe disse que se continuar tendo essas manifestações, seria muito perigoso pras crianças. Só que já a Marcha das Crianças acho que seria diferente. Porque pra um policial bater numa criança, seria muito idiota, pra um policial, digamos assim.

Sávio: E eles ainda vão vestidos todo de branco.

Ana Paula: O que vocês acharam da aparência do site?

Júlia: Ah eu achei muito legal. É até muito criativo

Sávio: Também. É legal, bem colorido, bem típico de criança. O tipo de coisa que criança gosta.

Ana Paula: Mas tem alguma coisa que você achou feia?

Sávio e Júlia: Não.

Sávio: Tudo ficou muito legal.

Ana Paula: Você entendeu o que é aquela área ali? O que é aquele menininho com macarrão?

Sávio: É o carinho da vez.

Ana Paula: O que que é isso?

Sávio: Ah, é como se eles enviassem, desenhos, textos...

Ana Paula: Vou fazer as perguntas agora só do programa, mas depois a gente continua mexendo. É pra ser bem sincero mesmo, tá? Sem timidez. Vocês não são tímidos né? Então vamos lá. Mas agora eu vou saber do programa. Qual que era o tema do programa?

Júlia: Papo de Criança.

Ana Paula: Mas do que que o programa tava falando?

Júlia: Política.

Sávio: Política. Lá perguntaram pra que serve política. E lá também teve vários temas que não era só pra que servia política é... Quem era senadores?... Cada pessoa que trabalha na política.

Ana Paula: E o que que você achou mais interessante do programa?

Júlia: Ah foi a pessoa falando da escola dela: o que tinha de ruim, o que tinha de bom, o que deveria fazer.

Sávio: Eu gostei também das opiniões que as pessoas davam não somente da escola, mas também sobre os governos que estão aqui em Brasília.

Ana Paula: E você se identificou também por ser uma criança de escola pública?

Sávio: Sim.

Ana Paula: Teve algumas coisas que você também diria mais ou menos as mesmas coisas?

Sávio e Júlia: É. Corrupção.

Júlia: Porque sim, é todos os governadores que tem isso. Não é só um nem só dois.

Ana Paula: O que foi mais chato no programa? Pode ser sincero.

Sávio: Foi aquele homem falando. Toda hora defendendo os políticos. Eu não gostei muito não.

Ana Paula: **Que que você achou dele?**

Sávio: Ah. Sei lá. Ele é um pouco mentiroso.

Júlia: É.

Sávio: Muito.

Júlia: É. Então... [risos].

Ana Paula: **Mas agora eu quero saber, depois que vocês escutaram o programa. Pra que vocês acham que serve política? Vamos ver se vocês conseguem responder a pergunta do programa.**

Júlia: Ah... Eh... Ela determina o governador, o governador determina o que vai ter na cidade. Só que o governador só pode fazer isso através da política.

Sávio: Isso mesmo, porque se não tiver política não tem governador. É igualzinho o moço falou. É o governador que decide se vai ter médico, se não vai ter, se vai ter praça e essas coisas. Então tudo vem através da política.

Ana Paula: **E vocês tão desanimados com a política?**

Sávio: Uhum.

Júlia: Muito. Porque nenhum governador é sincero e a política está sendo... Como é que eu vou dizer... Muito mentirosa digamos assim.

Ana Paula: **Você acha que tem com isso mudar?**

Sávio e Júlia: Tem.

Sávio: É só as pessoas pensarem nas pessoas sinceras quando for votar. Entendeu? Votar em pessoas que elas confiam e que podem ser muito boas para governantes.

Ana Paula: **E como você vai confiar em um político? Como você sabe qual você pode confiar e qual não pode?**

Júlia: Nunca sabe.

Sávio: É. É difícil né.

Ana Paula: **Vocês gostariam de, por exemplo, serem entrevistadas em um programa que nem esse?**

Sávio: Eu gostaria.

Ana Paula: **Por que? Você ia dar a sua opinião?**

Sávio: É. Falar minha opinião e várias outras coisas.

Júlia: É, também gostaria porque eu daria minha opinião sobre a escola. Minha opinião sobre governo, sobre tudo.

Entrevista apenas com a Júlia

Ana Paula: **Júlia, o que você entendeu? Pra que que serve esse site?**

Júlia: Ué. Pra reclamações de crianças... Pra elas fazerem o que elas quiserem lá. Pra elas mandarem tudo que elas quiserem.

Ana Paula: **Você lembra o nome do site?**

Júlia: Papo de criança

Ana Paula: **E qual que é o slogan do site? Aquela frase que aparece em baixo?**

Júlia: Cidadania não é só coisa de gente grande.

Ana Paula: **É. Quase isso. E que áreas que o site tem?**

Júlia: “O que é”, “Quem fez”, “Pra que serve a política”, essas coisas.

Ana Paula: **Ah tá. E você entendeu aquela parte que tava escrito assim “programa”?**

Júlia: Eu acho que eu nem vi essa parte.

Ana Pau: **Então essa é a parte do programa de áudio que você escutou. Vai ter outros deles, entendeu? O que você acha desse tipo de coisa. Um áudio na internet?**

Júlia: Ué eu acho legal porque não é só escritura pode ser também você ouvir o que a pessoa está falando. Ué, eu acho legal, porque vamos supor no celular, no celular, você não pode sair do vídeo pra fazer outra coisa, e qualquer vídeo também, você tem que continuar nele. Mas só pra escutar, você sai e faz outras coisas.

Ana Paula: Entendi. E você costuma ouvir rádio?

Júlia: Não.

Ana Paula: Que que você costuma fazer na internet?

Júlia: Eu mexo no meu Facebook, aí eu escuto música, eu jogo, eu vejo coreografias, essas coisas.

Ana Paula: Tem alguma área do site que você gostaria de participar?

Júlia: Do reclame [risos].

Ana Paula: Que que você gostaria de reclamar?

Júlia: Dos armários né da escola. E da política também né. Eu gostaria que fosse um governador bem sincero. Fala o que ele tem que fazer mesmo e cumprir o que ele faz

Ana Paula: E aquela área, Carinha da vez? Você teria alguma coisa que você gostaria de entrar ali?

Júlia: Ah eu teria. Porque assim, eu me superei sendo destaque. Eu queria botar minha foto de destaque, minha medalha. Essas coisas.

Ana Paula: Você ganhou uma medalha e tudo?

Júlia: Uhum

Ana Paula: Você quer falar mais alguma coisa que você achou do site?

Júlia: Eu acho ele bem criativo mesmo. Eu mesma não conseguiria fazer.

Ana Paula: Você conhece outros sites pra criança?

Júlia: Não.

Ana Paula: E você gostaria de entrar outras vezes?

Júlia: Uhum.

Ana Paula: Teve alguma hora que você achou tão chato que você queria fechar?

Júlia: Só a parte que aquele cara falou mesmo porque ele estava defendendo coisas que não tinha necessidade de defender.

Ana Paula: E a duração do programa? Você achou que ficou muito longo?

Júlia: Não. Eu acho que ficou bom até. É mais explicativo.

Ana Paula: E você já aprendeu alguma daquelas coisas que foram ditas na escola?

Júlia: Não.

Ana Paula: Você nunca estudou política na escola?

Júlia: Não. Não que eu me lembre. Vai que eu estudei quando eu era mais nova, né.

Ana Paula: E você acha que esse site é bom para pessoas de que idade? De tanto a Tanto?

Júlia: De 8 pra cima, não é só pra criança, também pode ser pra adulto, pra adolescente.

Ana Paula: Como vocês usam a sala de informática aqui?

Júlia: Até agora eu mesma não usei. A gente não usou nenhuma vez esse ano. Ano passado eu não estudava aqui. Eu estudava em Valparaíso mesmo.

Ana Paula: E você acha que, por exemplo, um professor vai dar aula aqui sobre um assunto como cidadania ou artes... Um texto do site Papo de criança sobre esse assunto seria interessante para o professor trazer pra aula?

Júlia: Sim. Seria explicativo.

Ana Paula: Tá bom. Você quer falar mais alguma coisa?

Júlia: Não. Tchau.

Ana Paula: Sávio, qual o nome do site que você acabou de entrar?

Sávio: Papo de Criança

Ana Paula: E aquela frase em baixo do nome, você lembra?

Sávio: Não.

Ana Paula: E como era a aparência do site.

Sávio: Era um site que foi feito mesmo pra criança. Porque é bem colorido e bem divertido.

Ana Paula: Tinha algum desenho? O que que tinha lá?

Sávio: Tinha o desenho de uns menininhos lá em cima, tipo um rodapé em cima. Aí tava escrito “Papo de Criança”. E uns desenhinhos assim, uns meninos com uniforme, que parece com o nosso.

Ana Paula: Que que você achou do site?

Sávio: Eu achei o site muito legal e bem interativo porque tem várias coisas.

Ana Paula: E teve alguma coisa que você achou chata que você queria que tirasse?

Sávio: Não.

Ana Paula: Pra que que serve esse site?

Sávio: Serve não só pra falar de política como papo de criança, várias outras coisas. Que nem a cara da vez e várias outras coisas.

Ana Paula: E você gostaria de participar de alguma parte do site? Se fosse pra participar, qual delas você gostaria?

Sávio: Eu acho que no áudio, igual aqueles menininhos lá eu acho que eu queria.

Ana Paula: E aquela parte de reclamar e o carinho da vez?

Sávio: Eu também gostaria de reclamar, especialmente porque eu carrego muito peso na mochila e aqui não tem armário. Acho que o carinho da vez eu não teria muita coragem. Mais de reclamar eu teria coragem.

Ana Paula: E do programa? O que você aprendeu com aquele programa.

Sávio: Eu aprendi várias coisas, aprendi um pouco mais sobre política que aquele homem que eu não sei o nome falou e também sobre a opinião das crianças que também era bem interessante.

Ana Paula: Quer falar mais alguma coisa?

Sávio: Posso enviar uma reclamação?

Ana Paula: Claro, pode sim.